


 ESTADO DO PARANÁ	Folha 1
	 DIGITAL

Órgão Cadastro: UNESPAR		Protocolo:	Vol.:
Em: 28/06/2018 14:25		15.265.447-2	1
Interessado 1: MARIA SIMONE JACOMINI NOVAK			
Interessado 2: -			
Assunto: PESCO		Cidade: PARANAVAI / PR	
Palavras chaves: CRIACAO			
Nº/Ano Documento: -		Origem: UNESPAR/PGRA	
Complemento: PPC DO CURSO DE GEOGRAFIA - PARANAVAI.			
Código TTD: -	Para informações acesse: www.eprotocolo.pr.gov.br/consultapublica		

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ – UNESPAR

CAMPUS DE PARANAVAÍ

**PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE GEOGRAFIA,
LICENCIATURA**

**PARANAVAÍ
MAIO DE 2018**

1

Colegiado de Geografia

Paranavaí - Paraná

COORDENADOR DO CURSO DE GEOGRAFIA – LICENCIATURA

José Antônio Demétrio

EQUIPE DE REVISÃO

Núcleo Docente Estruturante

COLEGIADO DE GEOGRAFIA

Docentes

Edilaine Valéria Destefani Cunha

Ênio Luiz Debarba

Fernanda Perdigão da Fonseca Toniol

Gilmar Aparecido Asalin

Givaldo Alves da Silva

José Antônio Demétrio

José Ricardo de Oliveira

Lucas César Frediani Sant'ana

Marcelo Caetano de Cernev Rosa

Patrícia Sousa

Virgílio Manuel Pereira Bernardino

SUMÁRIO

1. CURSO.....	05
1.1 IDENTIFICAÇÃO DO CURSO.....	05
1.2 TURNO DE FUNCIONAMENTO E VAGAS.....	05
2. LEGISLAÇÃO SUPORTE AO PROJETO PEDAGÓGICO.....	05
2.1 LEGISLAÇÃO BÁSICA.....	05
2.2 DA CRIAÇÃO E AUTORIZAÇÃO DO CURSO.....	07
3. ORGANIZAÇÃO DIDÁTICO-PEDAGÓGICA.....	09
3.1- JUSTIFICATIVAS.....	09
3.2- CONCEPÇÃO, FINALIDADES E OBJETIVOS.....	10
3.3 METODOLOGIA DE ENSINO E APRENDIZAGEM.....	11
3.4 AVALIAÇÃO DE APRENDIZAGEM.....	15
3.5 PERFIL DO PROFISSIONAL - FORMAÇÃO GERAL.....	18
4. ESTRUTURA CURRICULAR – CURRÍCULO PLENO.....	20
4.1 DESDOBRAMENTO DAS ÁREAS/MATÉRIAS EM DISCIPLINAS.....	20
5. DISTRIBUIÇÃO ANUAL/SEMESTRAL DAS DISCIPLINAS.....	21
6. EMENTÁRIO DAS DISCIPLINAS E DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES CURRICULARES.....	23
7. EMENTÁRIO DE DISCIPLINAS OPTATIVAS.....	53
8. DESCRIÇÃO DA PESQUISA E EXTENSÃO NO CURSO DE GRADUAÇÃO.....	60
8.1 PROGRAMA E PROJETO DE PESQUISA.....	60
8.2 PROGRAMA E PROJETO DE EXTENSÃO.....	61
8.2.1 PROGRAMA DE BOLSA DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA (PIBEX).....	62

8.2.2 PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSAS DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA – PIBID.....	62
8.2.3 UNIVERSIDADE SEM FRONTEIRAS.....	63
8.2.4 ATIVIDADES VINCULADAS ÀS DISCIPLINAS DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA.....	63
8.2.4.1–METODOLOGIA, ENSINO E APRENDIZAGEM NA EXTENSÃO.....	63
9.0 ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM GEOGRAFIA.....	64
10. CORPO DOCENTE.....	65
10.1 NÚMERO DE DOCENTES POR TITULAÇÃO.....	69
11. NÚCLEO DOCENTE ESTRUTURANTE.....	69
12. INFRAESTRUTURA DE APOIO DISPONÍVEL	69
13. REGULAMENTO DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO DO CURSO DE GEOGRAFIA.....	72
14. REGULAMENTO DE ATIVIDADES COMPLEMENTARES DO CURSO DE GEOGRAFIA.....	80
15. POS-GRADUAÇÃO EM “GEOGRAFIA AMBIENTAL E DESENVOLVIMENTO REGIONAL”	83
REFERÊNCIAS.....	83

1. CURSO

1.1 IDENTIFICAÇÃO DO CURSO

CURSO	Geografia	
ANO DE IMPLANTAÇÃO	1966	
CAMPUS	Paranavaí	
CENTRO DE ÁREA	Centro de Ciências Humanas e da Educação	
CARGA HORÁRIA	Em horas/aula:	Em horas/relógio:
HABILITAÇÃO	<input checked="" type="checkbox"/> Licenciatura	<input type="checkbox"/> Bacharelado
REGIME DE OFERTA	<input checked="" type="checkbox"/> Seriado anual com disciplinas anuais; <input type="checkbox"/> Seriado anual com disciplinas semestrais; <input type="checkbox"/> Seriado anual com disciplinas anuais e semestrais (misto).	

1.2 TURNO DE FUNCIONAMENTO E VAGAS

TOTAL DE VAGAS OFERTADAS ANUALMENTE	40	
PERÍODO DE FUNCIONAMENTO/VAGAS POR PERÍODO	<input type="checkbox"/> Matutino	Número de vagas:
	<input type="checkbox"/> Vespertino	Número de vagas:
	<input checked="" type="checkbox"/> Noturno	Número de vagas: 40
	<input type="checkbox"/> Integral	Número de vagas:

2. LEGISLAÇÃO SUPORTE AO PROJETO PEDAGÓGICO

2.1 LEGISLAÇÃO BÁSICA

Lei nº 9.394/96 Estabelece diretrizes e bases da educação nacional.

Lei Federal nº 9.795/1999 Estabelece sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências.

Parecer CNE/CES nº 492/2001. Diretrizes Curriculares Nacionais dos cursos de Filosofia, História, Geografia, Serviço Social, Comunicação Social, Ciências Sociais, Letras, Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia.

Parecer CNE/CES nº 1363/2001 Retifica o Parecer CNE/CES nº 492/2001 que estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais dos cursos de Filosofia, História, Geografia, Serviço Social, Comunicação Social, Ciências Sociais, Letras, Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia.

Resolução CNE/CES nº 14/2002 Estabelece as Diretrizes Curriculares dos cursos de Geografia.

Lei nº 10.436/2002 Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e outras providências.

Resolução CNE/CP nº 1/2004 Estabelece Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.

Parecer CNE/CP nº 3/2004 Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.

Decreto Federal nº 5.626/2005 Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000.

Deliberação CEE nº 04/2006 Normas Complementares às Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, 2006.

Lei nº 11.788/2008: Dispõe sobre o estágio de estudantes.

Deliberação CEE nº 02/2009 Normas e realização de Estágio obrigatório e não obrigatório na Educação Superior, Educação Profissional Técnica de Nível Médio e Especialização Técnica de Nível Médio, de Curso de Formação Inicial e Continuada de Trabalhadores, no Ensino Médio, nas Séries Finais do Ensino Fundamental, na Educação de Jovens e Adultos e Educação Especial.

Resolução CNE/CP nº 1/2012 Estabelece Diretrizes Nacionais para a Educação em Direitos Humanos.

Resolução CNE/CP nº 2/2012 Estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental.

Parecer CNE/CP nº 8/2012 Diretrizes Nacionais para a Educação em Direitos Humanos.

Parecer CNE/CP nº 14/2012 Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental.

Lei Estadual nº 17.505/2013 Institui a Política Estadual de Educação Ambiental e o Sistema de Educação Ambiental e adota outras providências.

2.2 DA CRIAÇÃO E AUTORIZAÇÃO DO CURSO

Na década de 1960, Paranavaí, não só pela extensa região abrangida, pela área de influência, sentia a real necessidade, quer do ponto de vista da carência em profissionais de nível superior, quer do ponto de vista cultural, e para atender a uma população representada por milhares de secundaristas, conseguiu a aprovação pela Assembleia Legislativa do Estado para a implantação do Ensino Superior.

Através da Lei Municipal n.º 389, de 27 de outubro de 1965, foi criada a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Paranavaí, tendo como mantenedora a Fundação Educacional do Noroeste do Paraná – FUNDENORPA. Com o Estatuto aprovado através do Decreto Municipal n.º 855, de 10 de novembro de 1965.

Em 12 de dezembro de 1990, através da Lei n.º 9.466, a FAFIPA foi estadualizada passando a denominar-se Fundação Faculdade Estadual de Educação, Ciências e Letras de Paranavaí. Quase um ano depois, em 16 de setembro de 1991, com a Lei n.º 9.663, foi transformada em Autarquia Estadual com o nome de Faculdade Estadual de Educação, Ciências e Letras de Paranavaí.

Pela Lei Estadual n.º 13.213, de 25 de outubro de 2001 foi criada a *Universidade Estadual do Paraná (Unespar), instituição multicampi e multirregional*, mas sofreu alteração pelas Leis Estaduais n.º 15.300, de 28 de setembro de 2006 e n.º 17.590, de 12 de junho de 2013 e credenciada pelo Decreto n.º 9538, de 05 de dezembro de 2013. A Unespar é constituída pelos seguintes *campi*: *Campus* de Apucarana - Faculdade Estadual de Ciências Econômicas de Apucarana; *Campus* de Curitiba I – Escola de Música e Belas Artes; *Campus* de Curitiba II – Faculdade de Artes do Paraná; *Campus* de Campo Mourão – Faculdade de Ciências e Letras de Campo Mourão; *Campus* de Paranaguá - Faculdade Estadual de Filosofia; Ciências e Letras de Paranaguá; *Campus* de Paranavaí - Faculdade Estadual de Educação, Ciências e Letras de Paranavaí; *Campus* de São José dos Pinhais – Escola Superior de Segurança Pública da Academia Militar do Guatupê; *Campus* de União da Vitória - Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de União da Vitória.

É relevante enfatizar que estamos nos referindo a uma Universidade pública, gratuita, de qualidade que atende predominantemente estudantes trabalhadores, vinculados ao baixo desenvolvimento do Noroeste paranaense. Conforme Asalin, (2015) e Bernardino, (2016)

observou-se que existe um grande contingente de estudantes que realizam o percurso, num raio aproximado de 100 km para frequentar o curso de nível superior.

Os princípios que norteiam a LDB e esse PPC vão ao encontro de romper com as limitações impostas por um currículo mínimo. Nesse contexto, favorece a autonomia acadêmica da IES, à medida em que possibilita a flexibilização das estruturas curriculares em consonância com os novos paradigmas do conhecimento e do saber.

O Curso de Geografia, da Faculdade Estadual de Educação, Ciências e Letras de Paranavaí – FAFIPA, surge junto com a fundação da IES, cuja autorização para o funcionamento ocorreu a partir do Parecer n.º 01/66 de 07 de janeiro de 1966 com o respaldo do Parecer n.º 412/62, aprovado pelo Conselho Estadual de Educação pelo, Documento n.º 11 do CFE. Já o seu reconhecimento junto ao Conselho Estadual de Educação – Parecer n.º 676/71, Doc. 130, P. 112, consubstanciado no Decreto Federal n.º 69599, de 23 de novembro de 1971 – D.O. de 26 de novembro de 1971

O Curso de Geografia passou pelos seguintes regimes:

- 1966 à 1973: Regime anual
- 1974 à 1993: Regime semestral

A partir de 1994, o Regime do curso de Geografia passou a ser anual. Com a Lei de Diretrizes e Base LDB, o MEC passou a exigir a cada 5 anos a renovação do reconhecimento do Curso. Deste modo, em 2005 – O Conselho Estadual de Educação, emitiu parecer favorável à *adequação da proposta pedagógica às diretrizes curriculares nacionais*, do Curso de Geografia (Licenciatura) - Parecer n.º 189/05 de 04 de maio de 2005-CEE, e foi autorizado pelo Decreto n.º 5195 de 04 de agosto de 2005 do Governo do Estado do Paraná.

A última autorização de renovação do reconhecimento, pelo prazo de 5 (cinco) anos, do Curso de Geografia de Graduação em Geografia, Licenciatura, com carga horária de 3.158 horas, 40 vagas, funcionamento no período noturno, foi publicada no diário oficial n. 8 219 de 12 de maio de 2010, com o Decreto n. 7 063. No ano de 2010 – O Conselho Estadual de Educação, emitiu parecer favorável à Renovação do reconhecimento do curso de graduação em Geografia Licenciatura ofertada pela Fafipa. – combinado com Artigos 17 da Lei federal 9 394 de 20 de dezembro de 1996 Parecer n.º 91/2010 do conselho de Educação do Estado do Paraná. Contido no protocolado sob o n. 10 407 657 3.

3. ORGANIZAÇÃO DIDÁTICO-PEDAGÓGICA

3.1 JUSTIFICATIVA

Alteração do Projeto Pedagógico de Curso Licenciatura em Geografia em funcionamento

A Geografia é uma ciência que tem por objeto de estudo a organização do espaço geográfico e compreender esse espaço produzido pela sociedade, suas desigualdades e contradições, as relações de produção que nela se desenvolvem e a apropriação que essa sociedade faz da natureza.

A concepção da relação entre sociedade e natureza evoluiu no tempo e no espaço. O desenvolvimento técnico científico acelerou o tempo de produção (Surtegaray; Nunes, 2001), assim como, os (re) arranjos espaciais e junto a isso mudanças culturais são estabelecidas.

Concomitantemente é necessário que o professor de Geografia esteja preparado, conhecendo e analisando os contextos geográficos que se concretizam na sociedade atual. Nesse sentido o Curso de Licenciatura em Geografia têm a necessidade de alterar o Projeto Pedagógico do Curso (PPC) adequando-o de tal maneira que possibilite que o professor formado esteja preparado intelectualmente na teoria, como também em sua prática pedagógica cotidiana para os desafios que a educação atual necessita de acordo com as transformações da sociedade.

Além disso, o curso de Geografia precisa adequar-se ao tripé ensino-pesquisa-extensão que são estabelecidos no Projeto Pedagógico Institucional (PPI) e no Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) da UNESPAR.

O curso de Geografia forma profissionais docentes para a educação básica e ensino médio, portanto, adequações devem estar vinculadas nos programas das disciplinas e atividades a serem desenvolvidas atendendo o estabelecido na RESOLUÇÃO CNE/CP Nº 2, de 19 de Fevereiro de 2002 e na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB (n. 9394/96) que preconiza o estabelecimento de diretrizes gerais para a elaboração de currículos dos cursos de graduação superior. Junto a isso, o Projeto Político Pedagógico do Curso de Geografia deve possibilitar a formação do profissional com habilidades para o processo de ensino aprendizagem condizentes com os princípios e diretrizes que norteiam a teoria e a prática docente e a realização da interdisciplinaridade por meio dos temas transversais (DCN Geografia, 2008).

A redução da exclusão social e cultural perpassa o ambiente escolar, ele se faz necessário à medida que o entendemos como direitos individuais e coletivos em prol do desenvolvimento humano. Neste contexto, o ensino superior tem a sua parcela importante de participação, a

medida em que interage de forma direta com o ensino básico e a formação de professores, desenvolvimento de programas como o PIBID e o fazer ciência, fundamental para criar a base do ensino científico, e levar o país a menor dependência tecnológica.

Em busca de profissionais que sejam agentes transformadores da sociedade este Projeto Político Pedagógico, vinculado ao curso de Geografia – Licenciatura, da Universidade Estadual do Paraná, campus Paranavaí, se faz relevante e requer alterações. A ação do curso em formar profissionais de Paranavaí e do Noroeste do Estado, ao longo de 5 décadas, vai ao encontro de fortalecer as relações regionais, a medida em que desenvolve, dentre outras, pesquisas sobre Paranavaí e área de influência, atividades que se fazem necessárias junto à comunidade externa, projeção de novos profissionais no mercado para exercer o papel do profissional licenciado.

3.2 CONCEPÇÃO, FINALIDADES E OBJETIVOS

Fundamentação teórica e princípios norteadores do curso e da formação profissional

A organização curricular do curso de Geografia – Licenciatura, estrutura-se de tal modo a contemplar as necessidades da formação docente na sociedade atual. O curso tem duração de quatro anos e habilita o profissional a atuar como docente em Geografia para a Educação Básica (ensino fundamental e médio) em escolas públicas e privadas, além de outras atividades pedagógicas multidisciplinares que lhe compete como profissional da Geografia.

A grade de disciplinas do curso oferece conhecimentos filosóficos e epistemológicos da ciência geográfica, conhecimentos teóricos e práticos e de extensão que formam a base conceitual e contextual multidisciplinar da Geografia que envolve as relações sociedade e natureza, disciplinas que norteiam o conhecimento didático pedagógico na área da educação e o estágio supervisionado no qual se desenvolve a prática pedagógica nas escolas.

Os conteúdos sobre as Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana que são estabelecidos na Lei n. 10.639/2003 na Resolução CNE/CP n. 1/2004 e da Deliberação CEE/PR n. 04/2006, vem introduzido no programa da disciplina Geografia da População.

A Geografia é uma ciência com estreita relação com o meio ambiente e por isso a educação ambiental é tema que pode ser abordado em todas as disciplinas uma vez que só se faz Geografia,

estabelecendo as relações homem/meio no espaço geográfico. Sendo assim, a Educação Ambiental estabelecida na Lei n. 9.795/1999 pelo Decreto n. 4.281/2002 será desenvolvida junto ao programa de disciplinas que são mais centradas num contexto ambiental como Geologia, Biogeografia, Geomorfologia, Pedologia entre outras.

A disciplina de Libras está introduzida como disciplina específica no currículo estando de acordo com o Decreto Federal n.º 5.626/05, que regulamenta a Lei Federal n.º 10.436/02, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais para a formação docente.

3.3 METODOLOGIA DE ENSINO E APRENDIZAGEM

O ensino da geografia é fundamentado nos conhecimentos filosóficos, teóricos e metodológicos, cujo objetivo é compreender os processos envolvidos na relação homem/natureza e dominar as abordagens científicas relativas à produção e, principalmente, à aplicação do conhecimento geográfico. Assim, a metodologia de ensino e aprendizado do curso de Geografia – licenciatura, campus de Paranavaí tem como princípio, a formação de cidadãos conscientes da compreensão do meio ambiente e da sociedade, desenvolvendo papel de membro integrante e transformador, além de preparar o aluno para o mercado de trabalho, cada dia mais competitivo.

Os fundamentos teóricos, devem destacar o combate ao relativismo epistemológico e cultural das pedagogias atuais. Na teoria de Piaget, a pedagogia construtivista, o aluno é posicionado no centro do processo de ensino e aprendizagem, sendo o centro do processo, e sua estrutura cognitiva é seu balizador do processo de ensino.

Como instrumentos de aprendizagem, os docentes do curso dispõem de uma série de ferramentas, tais como o uso de projetor multimídia, do quadro-negro e dos laboratórios vinculados ao colegiado do curso, como o de Cartografia Temática e Digital, de Geologia e Sedimentologia e de Biogeografia.

A formação do licenciado em geografia se baseia na integração deste entre as atividades de ensino, pesquisa e extensão. A formação integral deve proporcionar ao aluno as oportunidades de participação em projetos nestas três bases que integram a formação superior, sendo a partir de:

- Ensino oportunizado em sala de aula e em laboratórios e atividades práticas de campo, conforme estipulado no plano de ensino, particular a cada disciplina do curso;
- Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência - PIBID;
- Programa de Iniciação Científica e Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica - PIC/PIBIC;
- Projetos de Extensão desenvolvidos pelos docentes do curso, bem como pelos demais docentes da IES.

O Ensino no curso de Geografia, promove a criatividade e a curiosidade do acadêmico em relação às áreas do conhecimento geográfico e demais áreas correlatas. A possibilidade de participação em projetos de pesquisa, extensão e ensino fortalece as bases científicas, tecnológicas e de inovação permeadas pela indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.

O conhecimento gerado pelas atividades de ensino e pesquisa alimenta a extensão, possibilitando a execução de projetos que contribuam efetivamente com a comunidade e a formação integral do acadêmico. Ao realizar o trabalho contextualizado, as metas propostas na missão da instituição de produzir e disseminar o conhecimento são atendidas.

Diante do quadro atual que envolve a sociedade, propõe-se uma Geografia que contemple as perspectivas de transformações. Para que se possa compreender o mundo em transformação, deve-se trabalhar a metodologia de ensino da Geografia numa concepção mais crítica (dialética) conforme expressa Vasconcelos:

[...] uma Metodologia dialética de construção do conhecimento em sala de aula pode ser expressa através de três grandes momentos da dialética [...]. Como superação tanto da metodologia tradicional quanto da escolanovista. Indica-se pois: - Mobilização para o Conhecimento - Construção do Conhecimento -Elaboração e Expressão da Síntese do Conhecimento (1993, p. 42).

Com a preocupação em relação às transformações sociais, a ciência geográfica vem discutindo o ensino da Geografia. Diante disso, há de implementar-se uma discussão reflexiva quanto à postura metodológica utilizada.

Diante de um quadro evolutivo que exige inovações em todas as áreas de conhecimento, mudanças são necessárias. Ainda sobre a metodologia Vasconcelos enfatiza:

A metodologia de trabalho em sala de aula é uma síntese, uma concretização, um reflexo de toda uma concepção de educação e de um conjunto de objetivos (mais ou menos explícitos). Uma metodologia na perspectiva dialética baseia-se numa concepção do homem e do conhecimento onde se entende o homem como um ser ativo e de relações. Assim compreende-se que o conhecimento não é transferido ou depositado pelo outro (conforme a concepção tradicional) nem é “inventado” pelo sujeito (concepção espontaneísta), mas sim construído pelo sujeito na sua relação com os outros e com o mundo (VASCONCELOS, 1993, p. 41)

Segundo Cavalcanti, muitos autores trabalham conteúdos críticos, porém, isso não é suficiente; deve-se antes de tudo ter a preocupação de não passar conteúdos contraditórios e fragmentados. “É preciso, ainda, propiciar aos alunos o desenvolvimento de um modo de pensar dialético, que é um pensar em movimento e contradição” (1998, p. 23).

Ainda complementando os pressupostos a respeito da metodologia do ensino da geografia ressalta-se:

A dialética fundamental, quando estamos nos referindo ao processo escolar de ensino-aprendizagem, mesmo que possa e deva se expressar na formulação dos conteúdos, não está exclusivamente neste, mas vai além e se concretiza na identificação das carências (formulação das questões) e na busca de soluções (formulação de respostas) (...) a relação escolar, na medida em que se fundamenta no ensino da lógica formal, mais do que passar este ou aquele conteúdo fragmentado – isento de contradições – permite ao educando apropriar-se de perguntas e respostas prontas, enquanto processo de dialética do ensino, não é simplesmente, a reprodução de textos elaborados a partir desse tipo de lógica, mas, mais que isso, é a possibilidade de viver a contradição imanente entre a necessidade e sua superação, no plano da construção intelectual (SANTOS, APUD CAVALCANTI, 1998, p. 24).

Diante das transformações que ocorrem no espaço geográfico, conduzido pela sociedade, não é mais possível pensar o lugar como único, pois esse está sempre em constante transformação, levado pela dinâmica das mudanças. É natural que, diante dessas concepções, também não seja mais possível estudar esse espaço como aquele onde as informações se caracterizavam em transmissão de dados e descrição gerais do mundo e dos lugares. Temos que pensar numa Geografia que contemple politicamente os interesses da população, ou seja, devemos propiciar ao acadêmico a compreensão de espaço dinâmico e de transformação. A respeito do espaço geográfico e sociedade, Oliva diz:

Pensar as relações espaço geográfico e sociedade, global e local, moderno e tradicional, por exemplo, são aspectos indispensáveis para a elaboração de uma geografia que não seja meramente descritiva ou localizada (1995, p. 46).

Quando se fala em trabalhar dentro de uma linha dialética, não se está impondo a Dialética Marxista, que perdeu um tanto de sua originalidade com a minimização da força de seu modo de produção (o socialismo). Estamos falando da dialética que permeia os debates muito antes da teoria marxista. Embora para alguns teóricos a Dialética Marxista ainda esteja ativa, diante das mudanças globais, não condiz mais com o sistema, nas discussões que permeiam a realidade atual. Não se considera com isso, a decadência da dialética (que na maioria das vezes é entendida apenas sobre o ponto de vista do modo de produção socialista) a dialética que se propõe é a que sempre esteve presente, é a da mudança, transformação, é ver o mundo em constante movimento, é trabalhar dentro de uma linha histórico-crítica.

Dentro desse “mundo” globalizado, a forma de trabalhar os conteúdos devem relevar a dinamicidade dos acontecimentos, visando formar um cidadão com uma visão mais crítica. Para tanto, devemos estar atentos às transformações para não correr o risco de nos tornarmos ultrapassados demais. Dizemos demais, porque sabe-se que diante de um “mundo” que teve uma transformação acelerada nos últimos anos (com o elevado desenvolvimento tecnológico e a abertura econômica que influenciou em toda a dinâmica do espaço), levada à era da informatização, não é possível acompanhar a dinâmica estrutural ocorrida no espaço geográfico com um ensino metodológico dentro de uma Geografia tradicional.

Considerando-se a produção socioeconômica e ambiental na atualidade, já se entra em salas de aulas com conteúdos desatualizados, portanto, a visão dialética conduziria à novas perspectivas, já que o acadêmico deve estar incluído neste contexto como agente ativo, interagindo e colaborando no desenvolvimento das atividades educativas e científicas coordenadas pelo docente.

Entende-se que a metodologia do ensino da Geografia não está restrita apenas à sala de aula, mas ocorre em diferentes situações e ambientes. É de suma importância o trabalho de

campo para concretização do processo de ensino-aprendizagem, pois o conhecimento só ocorre efetivamente articulando teoria e prática.

3.4 AVALIAÇÃO DE APRENDIZAGEM

Em consonância com o Projeto Político Institucional da Unespar, aprovado em sessão ordinária do COU, realizada em 04/04/2018 “A avaliação define-se como o momento de expressão da síntese relativa ao trabalho desenvolvido pelos professores e alunos para a apreensão de um novo conhecimento. Deve se manifestar, envolvendo o processo de ensino e aprendizagem, levando em consideração as atividades desenvolvidas em sala de aula e/ou fora dela, de acordo com o plano de ensino docente. A avaliação necessita expressar a relação entre o cotidiano e o científico, o teórico e o prático, marcando uma nova relação com o conteúdo em relação ao que havia no início do processo e evidenciando um grau mais elevado de compreensão da realidade”.

Neste sentido, A avaliação de desempenho acadêmico, parte integrante do processo ensino-aprendizagem, é feita por disciplina, respeitando o princípio norteador enunciado no parágrafo anterior e incide sobre a frequência e o aproveitamento escolar do aluno.

Independentemente dos demais resultados obtidos, é considerado reprovado na disciplina o aluno que não obtiver frequência mínima de 75% por cento nas aulas e demais atividades programadas.

As avaliações bimestrais, definidas de acordo com o Plano de Ensino de cada disciplina (devidamente aprovado pelo colegiado do curso), visam a avaliação progressiva do aproveitamento do aluno e deverão ter entre os instrumentos avaliativos, prova individual escrita; trabalhos, individuais ou em grupo (atividades práticas e de laboratório, produção de material pedagógico, trabalhos escritos); relatórios; seminários; resenhas; artigos; projetos de pesquisa; projeto de ensino, projeto de extensão (criação e execução de atividades); estágio supervisionado: detalhado no relatório de estágio; debates; auto avaliação e trabalhos interdisciplinares.

A cada verificação de aproveitamento bimestral é atribuída uma nota, expressa em grau numérico de zero (0,0) a dez (10,0).

Atendida, em qualquer caso, a frequência mínima de 75% (setenta e cinco por cento) às aulas e demais atividades escolares, é aprovado:

I. Independentemente de exame final, o aluno que obtiver nota de aproveitamento não inferior a 7,0 (sete), correspondente à média aritmética das notas dos exercícios escolares realizados durante o semestre letivo;

II. Mediante exame final, o aluno que tendo obtido nota de aproveitamento inferior a 7,0 (sete), obtiver média final não inferior a 6,0 (seis), correspondente à média aritmética entre a nota do aproveitamento e a nota do exame final.

O aluno reprovado em até duas disciplinas pode ser promovido ao período seguinte com dependência nas disciplinas em que foi reprovado.

A avaliação faz parte do cotidiano de uma sociedade, e a universidade por fazer parte dela, deve ter como princípio, diagnosticar, se ocorreu aprendizagem ou não, procurando superar dificuldades, propor novos rumos, retomar de outro modo para efetivar o processo, lembrando que o erro é um importante elemento, se bem trabalhado, para o processo de ensino e aprendizagem (HADJI, 2001)

A partir da avaliação, precisamos favorecer a formação dos profissionais da educação, neste sentido, é preciso extrair das ações dos mesmos, do trabalho cotidiano e do processo de construção e produção do conhecimento, dentro de cada disciplina do curso, a essência da aprendizagem.

Aos professores cabe a coerência na hora de verificar o desempenho escolar de seus alunos, eles detêm o livre arbítrio e representam a autoridade na hora de elaborar e avaliar as competências que julgarem relevantes, a partir dos mais variados mecanismos.

O rendimento do acadêmico deve ser feito com critérios claros, levando em conta que a avaliação representa um mecanismo de orientação dos estudos dos avaliados, assim como, os mais relevantes elementos para a formação do profissional da educação, não esquecendo que seus resultados devem ser utilizados pelo docente também para mudar e melhorar sua prática pedagógica.

É importante que uma avaliação seja compostas por questões e ou situações problemas, que acima de tudo reflitam as aulas ministradas, ou seja, que consigam ir ao encontro das necessidades de formação de um profissional competente, exigindo reflexões à cerca dos

conteúdos trabalhados, com os mais variados contextos. Não podemos perder de vista que os instrumentos de avaliação sejam diversificados, pois a aprendizagem perpassa diferentes tipos de alunos, com inúmeras capacidades. O processo de verificação da aprendizagem não pode ser único, mas formativo e cumulativo dentro de cada período, no caso da Unespar, bimestralmente.

Os acadêmicos podem ser avaliados: por questões objetivas, dissertativas; seminários; produções e análises de mapas; micro aulas; resumos; sínteses; pesquisas; relatórios de trabalhos de campo; produção de texto; interpretação de textos; estudos dirigidos; produção de projetos de pesquisa; produção de projetos de extensão; seminários; produção de materiais didáticos. Além deste rol de mecanismos de avaliações, outras atividades podem ser desenvolvidas dentro de cada disciplina, ou articuladas às mesmas, em prol de romper com a concepção do ensino fragmentado dentro do curso de Geografia e até mesmo da dicotomia entre a Geografia Física e Humana (MENDONÇA, 1998).

O Plano de Ensino deve apresentar com clareza os critérios e instrumentos de avaliação dos componentes curriculares, devidamente discutido com os pares e aprovados no colegiado do curso.

Dentro das estratégias avaliativas, é preciso ocorrer a articulação de distintas disciplinas, buscando a correlação entre os mais variados assuntos, a exemplo do uso dos elementos inerentes a Cartografia como instrumentos para avaliar e mediar o processo de aprendizagem nas variadas disciplinas da grade curricular do curso de Geografia, sempre pensando em uma formação profissional mais completa. Essa e outras articulações são estratégicas e relevantes, especialmente quando se trata da avaliação externa, o caso do Exame Nacional de Desempenho de Estudantes – ENADE, que mensura o nível e qualidade dos cursos superiores a cada 4 anos, exigindo dos avaliados uma visão mais holística.

3.5 PERFIL DO PROFISSIONAL - FORMAÇÃO GERAL

O curso de Licenciatura em Geografia prepara profissionais para atuarem como professores para a rede básica de Ensino Fundamental e Médio, para escolas públicas e privadas, bem como em atividades multidisciplinares de caráter pedagógico que contemple a teoria e prática do conhecimento geográfico. Em consonância com o currículo do curso e demais atividades desenvolvidas espera-se que o perfil do profissional seja definido por características comuns dos cursos de licenciatura e as diversidades específicas da área do conhecimento da Geografia pertinentes a formação profissional. Assim o perfil do profissional deve contemplar:

- Competências técnico-científicas e profissionais no processo de seleção das informações e dos conhecimentos científicos e socioculturais;
- Independência e autonomia de pensamento no âmbito do conhecimento e dos processos e formas de aprendizagem, possibilitando a criação de mecanismos inovadores para sua formação continuada;
- Capacidade de tomar decisões criativas, pautadas na lógica, no raciocínio crítico-reflexivo e na argumentação dialética para a formação da cidadania consciente;
- Entendimento do trabalho coletivo como estratégia adequada e significativa para o enfrentamento dos problemas desafiadores que pautam o contexto social;
- Capacidade de compartilhar saberes e articular seu trabalho para contribuições em diferentes áreas do conhecimento, questionando a realidade social e favorecendo mudanças;
- Domínio e produção de diferentes estratégias de informação e comunicação tecnológica que possibilitem o acesso ao conhecimento e melhoria da qualidade no desempenho profissional;
- Utilização de metodologia científica para gerir a organização do trabalho acadêmico, favorecendo as políticas de associabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.

O profissional de Geografia deve ter como formação específica desejada:

- Entender o papel social da escola em sintonia com os valores democráticos da sociedade;

- Deve dominar o conhecimento concreto do saber geográfico e ter condições de ministrar o conhecimento geográfico de maneira completa, no ensino básico, articulado ao campo de conhecimento complementar e interdisciplinar, inclusive no campo pedagógico;
- Estar capacitado para a realização de processos de investigação científica e pedagógica que possibilite o aperfeiçoamento da prática educacional em geografia;
- Identificar os processos pedagógicos relacionados a prática social concreta que ocorrem nas instituições escolares e também fora delas;
- Identificar e explicar a dimensão geográfica presente nas diversas manifestações do conhecimento;
- Articular elementos empíricos e conceituais, concernentes ao conhecimento científico dos processos espaciais;
- Reconhecer as diferentes escalas de ocorrência e manifestação dos fatos, fenômenos e eventos geográficos;
- Propor e elaborar projetos de pesquisa no âmbito de área de atuação da Geografia;
- Utilizar os recursos da informática para representação da realidade geográfica;
- Trabalhar de maneira integrada e contributiva em equipes multidisciplinares;
- Dominar conhecimento teórico-metodológico referentes aos postulados da Geografia Física, da Geografia Humana, da Geografia Regional e da Cartografia;
- Dominar conhecimento científico e técnico, pela integridade das temáticas e conteúdos teóricos e práticos específicos de cada área da Geografia;
- Desenvolvimento de vivências, de situações de práticas pedagógicas (sala de aula e outros ambientes ou situações educativas), técnica (laboratórios, tratamento de informações e produção cartográfica) e científica (produção e divulgação do conhecimento geográfico em eventos e publicações);

4. ESTRUTURA CURRICULAR – CURRÍCULO PLENO

4.1 DESDOBRAMENTO DAS ÁREAS/MATÉRIAS EM DISCIPLINAS					
Área/Matéria	Série	Cód.	Disciplinas	Horas aulas	Horas Relógio
1. Formação GERAL (De acordo com a diretriz nacional)	1ª		Iniciação a Pesquisa Geográfica	72	60
			Fundamentos de Geologia e Petrografia	144	120
			Evolução do Pensamento Geográfico	72	60
			Sociologia	72	60
			Cartografia	144	120
			Geografia da População	72	60
			Prática Curricular I	72	60
	2ª		Hidrogeografia Continental e Oceânica	72	60
			Cartografia Temática e Digital	72	60
			Geomorfologia	144	120
			Geografia do Paraná	72	60
			Prática Curricular II	72	60
			Noções de Estatística Aplicada à Geografia	72	60
	3		Climatologia Geral	72	60
			Pedologia	72	60
			Geografia Agrária	72	60
			Geografia Econômica	72	60
			Geoprocessamento Aplicado ao Ensino de Geografia	72	60
	4ª		Prática Curricular III	108	90
			Geografia do Brasil	72	60
			Geografia Urbana	72	60
			Biogeografia	144	120
			Organização do Espaço Mundial	144	120
			Prática Curricular IV	108	90
		Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS	72	60	
Subtotal			25 Disciplinas	2.232	1860
2. de formação DIFERENCIADA (Forma o perfil específico de cada Campus)	1ª		Psicologia da Educação	72	60
	2ª		Metodologia e Aplicabilidade da Extensão	144	120
	2ª		Didática da Geografia	72	60
	3ª		Filosofia	72	60
Subtotal			4 Disciplinas	360	300
3. Disciplinas Optativas (Opção individual, escolhida pelo Aluno dentre as disciplinas ofertadas pelo curso).			Fenômenos mistos, Desastres e Vulnerabilidade Ambiental	30	25
			Geodiversidade e Geoconservação		
			Fundamentos de Paleontologia		
			Uso e Manejo dos Recursos da Natureza		
			A Biogeografia Ambiental		
			Noções de Legislação Ambiental Brasileira		
		Rede Urbana			

			Noções de Astronomia		
			Iniciação à Pesquisa Geográfica II		
			9 Disciplinas		
(Neste campo, o PPC elenca um rol de disciplinas optativas, o subtotal deve considerar apenas o exigido para cumprimento da carga horária do curso por estudante).				30	25
Estágio Curricular	3ª		Estágio Supervisionado em Geografia I	188	157
	4ª		Estágio Supervisionado em Geografia II	212	177
Subtotal			2 Disciplinas	400	334
Atividades Acadêmicas Complementares	1ª a 4ª		Ver tabela de atividades complementares	200	167
Subtotal				200	167
TOTAL				3.222	2.685

5. DISTRIBUIÇÃO ANUAL/SEMESTRAL DAS DISCIPLINAS

Código	Nome da Disciplina	Pré-requisito (Código)	Carga Horária			Forma de Oferta	
			Teórica	Prática	Extensão	Semanal (S)	Anual (A)
1ª SÉRIE							
	Iniciação à Pesquisa Geográfica	Não há	52	20		2	72
	Fundamentos de Geologia e Petrografia	Não há	108	36		4	144
	Evolução do Pensamento Geográfico	Não há	62	10		2	72
	Sociologia	Não há	62	10		2	72
	Psicologia da Educação	Não há	72			2	72
	Cartografia	Não há	106	18	20	4	144
	Geografia da População	Não há	54	18		2	72
	Prática Curricular I	Não há	40	32		2	72
Subtotal			556	144	20	20	720

2ª SÉRIE							
	Hidrogeografia Continental e Oceânica		60	12		2	72
	Didática da Geografia		72			2	72
	Cartografia temática e digital		30	32	10	2	72
	Geomorfologia		108	36		4	144
	Geografia do Paraná		52		20	2	72
	Prática Curricular II		62		10	2	72
	Noções de Estatística Aplicada à Geografia		60	12		2	72
	Metodologia e Aplicabilidade da Extensão		36		108	4	144
	Disciplinas Optativas		20	10			30
Subtotal			500	102	148	20	750
3ª SÉRIE							
	Climatologia Geral		60	12		2	72
	Pedologia		54	18		2	72
	Geografia Agrária		72			2	72
	Filosofia		72			2	72
	Geografia Econômica		72			2	72
	Geoprocessamento Aplicado ao Ensino de Geografia		32	30	10	2	72
	Estágio Supervisionado em Geografia I		72	76	40	5	188
	Prática Curricular III		36	36	36	3	108
Subtotal			470	172	86	20	728
4ª SÉRIE							
	Geografia do Brasil		72			2	72
	Geografia Urbana		72			2	72
	Biogeografia		108	36		4	144
	Organização do Espaço Mundial		144			4	144
	Estágio Supervisionado em Geografia II		36	140	36	5	212

	Prática Curricular IV		36	36	36	3	108
	Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS		72			2	72
Subtotal			540	212	72	22	824
TOTAL/TIPO DE CARGA HORÁRIA			2.066	630	326	82	3.022
Horas Complementares							200
TOTAL GERAL							3.222

6. EMENTÁRIO DAS DISCIPLINAS E DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES CURRICULARES

1ª SÉRIE

DISCIPLINA:	INICIAÇÃO À PESQUISA GEOGRÁFICA		
C/H TOTAL:	72		
C/H TEÓRICA: 52	C/H PRÁTICA: 20	C/H EXTENSÃO:	C/H SEMIPRESENCIAL:
<p>EMENTA:</p> <p>O conhecimento teórico-metodológico da construção e evolução dos métodos e técnicas concernentes à ciência geográfica evidencia-se como instrumento fundamental da produção científica na formação do profissional da geografia. O discernimento conceitual destes métodos e técnicas para o desenvolvimento da investigação geográfica, bem como de suas finalidades, orientam a prática do geógrafo para encontrar caminhos metodologicamente mais adequados em suas pesquisas e demais atividades.</p>			
<p>REFERÊNCIAS:</p> <p>CURTY, M. G. Apresentação de trabalhos acadêmicos, dissertações e teses: (NBR 14724/2005). 2 ed. Maringá: Dental Press, 2006.</p> <p>DEMO, Pedro. Pesquisa e Construção do Conhecimento: metodologia científica no caminho de Habermas. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2000.</p> <p>ECO, U. Como se faz uma tese. 24 ed. São Paulo: Perspectiva, 2012.</p> <p>GERARDI, L. H de O. Quantificação em geografia. São Paulo: Difel, 1981.</p> <p>LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. Fundamentos de metodologia científica. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.</p> <p>LATOUR, B. Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora. São Paulo: Ed. UNESP, 2000.</p> <p>RAMIRES, J. C. de L.; PESSÔA, V. L. S. (org.). Geografia e pesquisa qualitativa: nas trilhas da investigação. Uberlândia: Assis Editora, 2009.</p> <p>SEVERINO, A. J. Metodologia do trabalho científico. 22ª. ed. Revista atual. São Paulo: Cortez, 2002.</p> <p>SILVA, L. R. da. Do Senso-comum à Geografia Científica. São Paulo: Contexto, 2004.</p> <p>TRIVIÑOS, Augusto N.S. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 2012.</p>			

DISCIPLINA:	FUNDAMENTOS DE GEOLOGIA E PETROGRAFIA		
C/H TOTAL:	144		
C/H TEÓRICA: 108	C/H PRÁTICA: 36	C/H EXTENSÃO:	C/H SEMIPRESENCIAL:
EMENTA:			
<p>Origem da Terra e características da estrutura interna. Processos endógenos e Tectônica de Placas. Atividades magmáticas e tipos de magmas. Propriedades físico-químicas dos minerais. Rochas Magmáticas, metamórficas e sedimentares: gênese, características e classificação macroscópica. Intemperismo químico e físico: formação dos solos. Cronologia e aspectos da evolução da história da Terra. Estrutura geológica do Brasil.</p>			
REFERÊNCIAS:			
<p>BARBETA, P. A. Estatística aplicada às Ciências Sociais. 5 ed.. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2002. BRANCO, S.M. & BRANCO, F.C. Rochas do Brasil. Ed. Livros Técnicos e Científico. S.A., 1985. BIGARELLA, J. J.; SALAMUNI, R. & PINTO, V.M. Geologia do Pré-Devoniano e Intrusivas Subsequentes da Porção Oriental do Estado do Paraná. Boletim Paranaense de Geociências, n.º 23 a 25, Curitiba, 1967. CARVALHO, I. S. Paleontologia: conceitos e métodos. Vol. 1, editor. 3 ed. Rio de Janeiro: Interciência, 2010. COCKELL, C. (Org.). Sistema Terra-Vida. São Paulo: Oficina de Textos, 2011. JABUR, I.C. & SANTOS, M.L. dos. Revisão Estratigráfica da Formação Caiuá. In: Boletim de Geografia, Departamento de Geografia da UEM, ano 2, n.º 2, 1984, 91-106. LEINZ, V. & AMARAL, S.E. do. Geologia Geral. Ed. Nacional, 10.ª Ed., 1987. LOCZY, L. de & LADEIRA, E. A. Geologia Estrutural e Introdução à Geotectônica. Ed. Edgard Blucher Ltda. 1981. POPP, José Henrique. Geologia Geral. Ed. Livros Técnicos e Científicos S. A. 5ª Ed., 1998. ALMEIDA, F.F.M. O Planalto Basáltico da Bacia do Paraná. Boletim Paulista de Geografia, AGB. São Paulo, 1956, 3-34. BIGARELLA, J.J., LEPREVEST, A. & BOSSANELLO, A. A Deriva dos Continentes. Ed. Moderna, 3.ª Ed., Coleção Polêmica, 1992. GROTZINGER, J. Para entender a Terra. 6. Ed., Porto Alegre: Bookman, 2013. MAACK, R. Geografia Física do Estado do Paraná. Curitiba, 1981. MENDES, J.C. & PETRI, S. Geologia do Brasil. Instituto Nacional do Livro. Enciclopédia Brasileira, Biblioteca Universitária, Geociência, Geologia, n.º 09, Rio de Janeiro, 1971. OLIVEIRA, E.P. Geologia e Recursos Minerais do Paraná. Rio de Janeiro, Serviço Geológico e Mineralógico, 1927. PETRI, S. & FÚLVARO, V. J. Geologia do Brasil. Ed. Universidade de São Paulo (USP), 1983. ROSS, J. L. S. Os Fundamentos da Geografia da Natureza. In: Geografia do Brasil. ROSS, J. L. S (Org.). São Paulo: editora da USP, 1998, p.p. 13 – 65. SALGADO-LABOURIAU, M. L. História ecológica da Terra. São Paulo: Blucher, 1994. TEIXEIRA. W. et al. Decifrando a Terra. São Paulo: Oficina de texto, 2000.</p>			
Complementar			
Sites:			
Instituto de Geociências – USP			
www.igc.usp.br/geologiausp			

CPRM – Serviço Geológico do Brasil
www.cprm.gov.br
SBG – Sociedade Brasileira de Geologia
www.sbgeo.org.br
Centro de Sismologia da USP
http://www.moho.iag.usp.br/portal
Painel Global – Monitoramento da Terra em Tempo Real
www.painelglobal.com.br/
DNPM – Departamento Nacional de Produção Mineral
www.dnpm.gov.br/
Atlas of Rocks, Minerals, and Textures. Available from Word wide web:
http://www.geolab.unc.edu/Petunia/IgMetAtlas/mainmenu.html
Museu de Minerais e Rochas Heinz Ebert – UNESP
www.rc.unesp.br/museudpm
Documentários:
A Origem do Planeta Terra. National Geographic.
Planeta Magnético. National Geographic.
O Poder do Planeta – Vulcões. BBC

DISCIPLINA:	EVOLUÇÃO DO PENSAMENTO GEOGRÁFICO		
C/H TOTAL:	72		
C/H TEÓRICA: 62	C/H PRÁTICA: 10	C/H EXTENSÃO:	C/H SEMIPRESENCIAL:
<p>EMENTA: O fornecimento das bases epistemológicas do pensamento geográfico, assim como as implicações filosóficas das diferentes abordagens teórico metodológicas desta ciência consiste em uma fundamentação essencial para a formação do profissional em geografia. Além disso, a discussão dos diferentes métodos, conceitos e paradigmas desenvolvidos ao longo da história da ciência geográfica, com destaque para as orientações contemporâneas, situam este profissional para os debates atuais acerca da produção do conhecimento geográfico.</p> <p>REFERÊNCIAS: ANDRADE, M. C. de. Geografia, ciência da sociedade: uma introdução à análise do pensamento geográfico, São Paulo: Atlas, 1987. CORREA, R. L.: Trajetórias geográficas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. GODOY, P. R. T. (Org). História do pensamento geográfico e epistemologia em Geografia. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. MENDONÇA, F. de A. Geografia física: ciência humana? São Paulo: Contexto, 1989. MORAES, A. C. R. Geografia: pequena história crítica. São Paulo: Hucitec, 1981. MOREIRA, R. O que é Geografia. São Paulo: Brasiliense, 1987. MOREIRA, R. O pensamento geográfico brasileiro (3 volumes). São Paulo: Contexto. 2008. SPÓSITO, E. S. Geografia e Filosofia: Contribuição para o ensino do pensamento geográfico. São Paulo: Ed. UNESP, 2004.</p>			

DISCIPLINA:	SOCIOLOGIA		
C/H TOTAL:	72		
C/H TEÓRICA: 62	C/H PRÁTICA: 10	C/H EXTENSÃO:	C/H SEMIPRESENCIAL:
<p>EMENTA:</p> <p>A emergência do pensamento racional e sua relação com a origem da Sociologia. Matrizes clássicas do pensamento sociológico: Marx, Durkheim e Weber. A contemporaneidade do debate sociológico.</p> <p>REFERÊNCIAS:</p> <p>FERREIRA, D. A. C.: o pensamento positivista e as relações sociais. In: _____. Manual de sociologia: dos clássicos à sociedade da informação. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2003. 3 p. 35-40.</p> <p>_____. O Pensamento marxista. In: _____. Manual de sociologia: dos clássicos à sociedade da informação. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2003. p. 53-63.</p> <p>_____. O Pensamento weberiano. In: _____. Manual de sociologia: dos clássicos à sociedade da informação. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2003. p. 65-72.</p> <p>_____. O Positivismo sociológico. In: _____. Manual de sociologia: dos clássicos à sociedade da informação. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2003. p. 45-50.</p> <p>_____. Saint-Simon: o precursor da Sociologia. In: _____. Manual de sociologia: dos clássicos à sociedade da informação. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2003. p. 34-35.</p> <p>GURGEL, C. A. Crises do capital, teorias organizacionais e administração flexível. In: _____. A Gerência do pensamento: gestão contemporânea e consciência neoliberal. São Paulo: Cortez, 2003. p. 99-137.</p> <p>HARVEY, D. O Direito à cidade. Lutas Sociais, São Paulo. n.29. 2012.</p> <p>MARX, K. Maquinaria e grande indústria. In: _____. O Capital. São Paulo: Civilização Brasileira, 2008</p> <p>Complementar</p> <p>BAUMAN, Z. Vida líquida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.</p> <p>MARTINS, C. B. Capítulo primeiro: o surgimento. In: _____. O Que é Sociologia. 38. ed. São Paulo: Brasiliense, 2001, Coleção Primeiros Passos, n. 57.</p> <p>MARX, K. A Assim chamada acumulação primitiva. In: _____. O Capital. São Paulo: Civilização Brasileira, 2008.</p> <p>_____. A Mercadoria. In: _____. O Capital. São Paulo: Civilização Brasileira, 2008.</p> <p>_____. Divisão do trabalho e manufatura. In: _____. O Capital. São Paulo: Civilização Brasileira, 2008.</p> <p>OLIVEIRA, R. D. de. Reengenharia do tempo. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.</p>			

DISCIPLINA:	PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO		
C/H TOTAL:	72		
C/H TEÓRICA: 72	C/H PRÁTICA:	C/H EXTENSÃO:	C/H SEMIPRESENCIAL:
<p>EMENTA:</p> <p>Aspectos psicológicos da inter-relação professor-aluno. Aprendizagem: conceitos, tipos, principais modelos teóricos. Variáveis da aprendizagem. A motivação do aluno. Aspectos centrais do desenvolvimento humano nos anos escolares e na adolescência.</p> <p>REFERÊNCIAS:</p> <p>BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. Brasília, DF: MEC/SEESP, 2008.</p> <p>BOCK, A. M. B. <i>et al.</i> Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia. São Paulo: Saraiva, 1991.</p> <p>D' ANDREIA, F. Desenvolvimento da Personalidade. Rio de Janeiro: Difel, 1978.</p> <p>DAVIDOFF, Linda L. Introdução à psicologia. São Paulo: Pearson Makron Books, 2001.</p> <p>DAVIS, C.; OLIVEIRA, Z. Psicologia na Educação. São Paulo: Cortez, 1990.</p> <p>FREUD, Sigmund. Os pensadores. São Paulo: Abril Cultural.</p> <p>FARIA, Anália Rodrigues. O Pensamento e a Linguagem da Criança Segundo Piaget. São Paulo: Ática, 1994.</p> <p>FREITAS, M. T. O Pensamento de Vygotsky e Bakhtin no Brasil. Campinas: Papirus, 1994.</p> <p>_____. Vygotsky e Bakhtin (Psicologia e educação – um intertexto). São Paulo: Ática, 1995.</p> <p>GADOTTI, M. História das ideias pedagógicas. São Paulo: Ática, 1997.</p> <p>GOULART, I. B. Piaget: Experiências básicas para utilização pelo professor. 6 ed. Petrópolis: Vozes, 1990.</p> <p>GROSSI, E. P.; BORDIN, J. Construtivismo pós-piagetiano. Rio de Janeiro: Vozes, 1993.</p> <p>MIZUKAMI, M. G. N. Ensino: as abordagens do processo. São Paulo: EPU, 1989.</p> <p>MÜLLER, Kurt. Psicologia aplicada à educação. São Paulo: EPU, 1977.</p> <p>MUSSEN, CONGER, KAGAN. Desenvolvimento e personalidade da criança. São Paulo: Herbra, 1977.</p> <p>PIAGET, J. Seis estudos. 12 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1984.</p> <p>PIAGET, VYGOTSKY, WALLON. Teorias Psicogenéticas em Discussão. São Paulo: Summus, 1992.</p> <p>REGO, T. C. Vygotsky – uma perspectiva histórico-cultural da educação. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.</p> <p>VYGOTSKY, L. S. Linguagem e pensamento. São Paulo: Martins Fontes, 1989.</p> <p>_____. Formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1990.</p> <p>Complementar:</p> <p>AZENHA, M. G. Construtivismo: de Piaget e Emília Ferreiro. São Paulo: ÁTICA, 1993.</p> <p>ALENCAR, E. M. L. S. Psicologia e introdução aos Princípios Básicos do Comportamento. Petrópolis: Vozes, 1996.</p> <p>BRIGGS, D. C. A auto-estima do seu filho. São Paulo: Martins Fontes, 2000.</p> <p>CLEMES, H.; BEAN, R. Crianças seguras: como aumentar a estima das crianças. São Paulo: Gente, 1995.</p>			

CUNHA, M. I. **O Bom Professor e sua Prática**. Campinas: Papirus, 1989.
 FERREIRA, E. **Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.
 _____. **Reflexões sobre alfabetização**. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1985.
 FONSECA, V. **Educação Especial**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.
 LANE, S. T. M.; CADO, W. **Psicologia Social**. São Paulo: Brasiliense, 1984.
 LURIA, A. B. **Desenvolvimento cognitivo: seus fundamentos culturais e sociais**. São Paulo: Ícone, 1994.
 _____. **Pensamento e Linguagem: as últimas conferências de Luria**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.
 LURIA, A. B.; LEONTIEV, A. N.; VYGOTISKY, L. S. **Psicologia e Pedagogia: bases psicológicas da aprendizagem e do desenvolvimento**. São Paulo: Moraes, 1991.
 LURIA, A. B.; YUDOVICH, F. I. **Linguagem e desenvolvimento intelectual da criança**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.
 MANTOAN, M. T. E. **A integração de pessoas com deficiência**. São Paulo: Memnon, 1997.
 SCOZ, B. **Psicopedagogia e Realidade Escolar**. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.
 TIBA, I. **Ensinar Aprendendo: como superar os desafios do relacionamento professor – aluno em tempos de globalização**. São Paulo: Gente, 1998.
 ZAGURY, T. **Encurtando a adolescência**. 7 ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

DISCIPLINA:	CARTOGRAFIA		
C/H TOTAL:	144		
C/H TEÓRICA:	C/H PRÁTICA:	C/H EXTENSÃO:	C/H SEMIPRESENCIAL:
106	18	20	
<p>EMENTA: Fundamentos teóricos e práticos da Cartografia como instrumento para o ensino da Geografia. Semiologia gráfica. Produção, leitura e análise de documentos cartográficos. Referências de posicionamento. Rede de coordenadas geográficas. Fusos horários. Curvas de nível. Escalas e projeções cartográficas.</p> <p>REFERÊNCIAS:</p> <p>DUARTE, Paulo Araújo. Cartografia Temática. Florianópolis: UFSC, 1991. FIORI, Sérgio Ricardo. Técnicas de desenho e elaboração de perfis. In: VENTURI, Luís Antônio Bittar (Org.). Geografia Práticas de Campo, laboratório e Sala de Aula. São Paulo: Editora Sarandi. 2011. p. 381-402. MARTINELLI, Marcelo. Curso de Cartografia Temática. São Paulo: Contexto, 1991. MARTINELLI, Marcelo Mapas de Geografia e Cartografia Temática. São Paulo: Editora Contexto, 2003. MARTINELLI, Marcelo. Técnicas de Cartografia Temática. In: VENTURI, Luís Antonio Bittar (Org.). Geografia Práticas de Campo, laboratório e Sala de Aula. São Paulo: Editora Sarandi. 2011. p. 231-254. LOCH, R. E. N. Cartografia representação, comunicação e visualização de dados espaciais. Florianópolis: UFSC- Série didática, 2006. MOURA, A. R. Cartografia Ambiental. Curitiba: E- TEC/ MEC. IFPR 2012.</p>			

QUEIROZ FILHO, Alfredo Pereira. Técnicas de Cartografia. In: VENTURI, Luís Antonio Bittar (Org.). **Geografia Práticas de Campo, laboratório e Sala de Aula**. São Paulo: Editora Sarandi. 2011. p. 171-202.

TEIXEIRA, A. L. A., MORETTI, E., CHRISTOFOLETTI, A. **Introdução aos Sistemas de Informação Geográfica**. Rio Claro: Edição do Autor. 1992.

ALMEIDA R. D. **Do Desenho ao Mapa – iniciação cartográfica na escola**. São Paulo: Contexto, 2008.

FITZ P. R. **Cartografia Básica**. São Paulo: Oficina de Textos. 1ª edição, 2008.

Complementar:

ALMEIDA R. D. **Do Desenho ao Mapa – iniciação cartográfica na escola**. São Paulo: Contexto, 2008.

FRIEDMANN. R.M.P. **Fundamentos de orientação – cartografia e navegação terrestre**. 2ª edição 2008 - Editora. UFPR

LOCH, C. **Noções básicas para a interpretação de imagens aéreas, bem como algumas de suas aplicações nos campos profissionais**. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 1993.

LOCH, C.; LAPOLLI, E. M. **Elementos básicos da fotogrametria e sua utilização prática**. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 1998

DISCIPLINA:	GEOGRAFIA DA POPULAÇÃO		
C/H TOTAL:	72		
C/H TEÓRICA:	C/H PRÁTICA:	C/H EXTENSÃO:	C/H SEMIPRESENCIAL:
54	18		
<p>EMENTA:</p> <p>A distribuição da população. Diversidade e ocupação desigual do "ecúmeno", as formas de implantação da população, perspectiva, o crescimento natural, as migrações populacionais, causas e consequências dos fenômenos demográficos. História da Cultura Afro-descendente e indígena.</p> <p>REFERÊNCIAS:</p> <p>ALBUQUERQUE, Edu Silvestre de. (Org.) Que País é esse? São Paulo: Globo, 2005.</p> <p>DAMIANI, Amélia. População e Geografia. São Paulo, Contexto. 1991.</p> <p>DIAMOND, J. O mundo até ontem. Rio de Janeiro, Ed. Record, 2014.</p> <p>GEORGE, P. Geografia da População. São Paulo, Difel, 1971.</p> <p>LIMA, D. M. M. C. de. (Org.) Geografia Política e Geografia da População: temas atuais. Natal, UFRN, 2011.</p> <p>SAUVY, A. Elementos de Demografia. Rio de Janeiro. Zahar Editores, 1979.</p> <p>SINGER, P. Dinâmica populacional e desenvolvimento - o papel do crescimento populacional no desenvolvimento econômico. São Paulo, CEBRAP, 1970 251.</p> <p>VERRIERRE, J. As políticas de população. São Paulo, DIFEL, 1980.</p> <p>Relatório do Banco Mundial. Envelhecendo em um Brasil mais velho, 2011.</p>			

DISCIPLINA:	PRÁTICA CURRICULAR I		
C/H TOTAL:	72		
C/H TEÓRICA: 40	C/H PRÁTICA: 32	C/H EXTENSÃO:	C/H SEMIPRESENCIAL:
EMENTA:			
<p>Introdução a teorias e práticas pedagógicas da Geografia. Linguagens, metodologias e suas implicações no processo de ensino e aprendizagem da Geografia.</p>			
REFERÊNCIAS:			
<p>ALVES, M. L. (Coord.) Ideias 22. São Paulo: Fundação para o desenvolvimento da educação. SEESP, 1994.</p> <p>CARLOS, A. F. A.; OLIVEIRA, A. U. Reformas no mundo da educação. São Paulo. Contexto, 1999.</p> <p>CARVALHO, A. M. P. de. Prática de Ensino. Os estágios na formação do professor. São Paulo. Pioneira, 1985</p> <p>CASTROGIOVANNI, A. C. (Org). Geografia em sala de aula. Práticas e reflexões. Porto Alegre: AGB, 1998</p> <p>FARIA, A. M. Ideologia do livro didático. São Paulo: Cortez, 1984.</p> <p>HAIDT, R. C. Curso de Didática geral. São Paulo: Ática, 1994. (Capítulo 11 – Escolha e utilização dos recursos audiovisuais/ capítulo 12 – A informática na Educação)</p> <p>LACOSTE, Y. Geografia, isso serve em primeiro lugar para se fazer a guerra. Campinas, Papyrus, 1988.</p> <p>LUCKEZI, C. Avaliação educacional escolar, para além do autoritarismo. ANDE, Revista da associação nacional de Educação, nº 10, São Paulo, 1986.</p> <p>MACHADO, J. N. Epistemologia e Didática, as concepções de conhecimento e inteligência e a prática docente. Capítulo: Informática na escola: significado do computador no processo educacional (p. 231-257).</p> <p>MEC – SEF. Parâmetros Curriculares Nacionais: Geografia, 1998.</p> <p>MIZUKAMI, M. da G. Ensino: as abordagens do processo. São Paulo: EPU, 1986.</p> <p>MOLINA, O. Quem engana quem, professor X livro didático. Campinas: Papyrus, 1988.</p> <p>MORAES, A. R. de: Geografia: pequena história crítica. São Paulo: Hucitec, 1986.</p> <p>NOSELLA, M. de L. As belas mentiras, a ideologia subjacente aos textos didáticos. São Paulo: Editora Moraes, 1980.</p> <p>Parra, N. (Org) Técnicas áudio -visuais em Educação. São Paulo: Pioneira, 1985.</p> <p>PASSINI, E. Y. Alfabetização Cartográfica e o livro didático, uma análise crítica. Belo Horizonte, Lê, 1994.</p> <p>PICONEZ, S. (Coord.) - A Prática de Ensino e o estágio supervisionado. Campinas: Papyrus. 1991.</p> <p>SEE/PR. Currículo básico para a escola pública do Paraná. Curitiba, 1990</p> <p>ZAMBONI, E. (Coord.) Guia de Livros Didáticos. Brasília, SEF/MEC, 1996. P. 337-340</p>			

2ª SÉRIE

DISCIPLINA:	HIDROGEOGRAFIA CONTINENTAL E OCEÂNICA		
C/H TOTAL:	72		
C/H TEÓRICA: 60	C/H PRÁTICA: 12	C/H EXTENSÃO:	C/H SEMIPRESENCIAL:
<p>EMENTA: Propriedades químicas e físicas da água. Aspectos quantitativos e qualitativos da água. Bacias hidrográficas brasileiras e análise morfométrica. Águas subterrâneas importância e tipos de aquíferos. Características gerais dos oceanos e macroformas do relevo do ambiente marinho. Circulação das águas oceânicas. Jurisdição do ambiente marinho. Corpos hídricos e a organização do espaço geográfico. Educação ambiental.</p> <p>REFERÊNCIAS:</p> <p>BARBETA, P. A. Estatística aplicada às Ciências Sociais. 5 ed.. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2002.</p> <p>BARLOW, M. Água, Pacto Azul: A crise global da água e a batalha pelo controle da água potável no mundo. São Paulo: M. Books do Brasil Editora Ltda. 2009.</p> <p>BELTRAME, A. V. Diagnóstico do meio físico de bacias hidrográficas: modelo e aplicação. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1994.</p> <p>BRASIL. Política Nacional dos Recursos Hídricos – Lei 9433/97. 1997.</p> <p>ESTEVES, F. A. Fundamentos de Limnologia. Rio de Janeiro: Interciência, 1998.</p> <p>GARRISON, T. Fundamentos de Oceanografia. São Paulo: Cengage Learning, 2010.</p> <p>GUILCHER, A. – Morfologia Litoral y submarina. – Ed. Omega. S/A., Casanova, Barcelona.</p> <p>MACHADO, P. J. O.; TORRES, F. T. P. Introdução à hidrogeografia. São Paulo: Cengage Learning, 2012.</p> <p>MÜLLER, A. C. Hidrelétricas, Meio Ambiente e Desenvolvimento. São Paulo – SP: Ed. Makron Books, 1995.</p> <p>ODUM, P. E.; BARRET, G. W. Fundamentos de ecologia. São Paulo: Cengage Learning, 2008.</p> <p>PAROLIN, M. et al. (Org). Bacias hidrográficas paranaenses. In: Abordagem ambiental interdisciplinar em bacias hidrográficas no Estado do Paraná. Campo Mourão: Editora da Fecilcam, 2010. p. p. 59 – 104.</p> <p>PEREIRA, M. C. B.; SCROCCARO, J. L. Bacias hidrográficas do estado do Paraná. Curitiba: SEMA, 2010.</p> <p>PETERS, E. L. PIRES, P. de T. de L. Legislação Ambiental Federal. Curitiba – Paraná: Juruá, 2001.</p> <p>REBOUÇAS, A. Uso inteligente da água. São Paulo: Escrituras Editora, 2004.</p> <p>RIBEIRO, W. C. Geografia Política da Água. São Paulo: Annablume, 2008.</p> <p>SUGUIO, Kenitiro. Água. Ed. São Paulo, 2007.</p> <p>TEIXEIRA, W. et al. Decifrando a Terra. São Paulo: Oficina de texto, 2000.</p> <p>TURECKIAN, H. Oceanos. Ed. Edusp, 1969.</p> <p>ZANELLA, M. E. Considerações sobre o clima e os recursos hídricos do semiárido nordestino. Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, n.36, Volume Especial, p. 126-142, 2014.</p> <p>Complementar:</p> <p>BONETI, L.W. O silêncio da águas. Ed. Unijui, 1998.</p> <p>HOCHMAN, L. A era do saneamento. Ed. HUCITEC-ANPOC, 1998.</p> <p>LEONEL, M. – A morte social dos rios. Ed. Perspectiva S. A. – 1998.</p>			

LONG, E. J. **Novos Rumos da Oceanografia**. Traduzidos por Octavio Mendes Cajado. São Paulo – SP: Ed. Cultrix, 1969.

SKINNER, Brian J. TUREKIAN K. **O Homem e o Oceano**. Tradução e Adaptação Boletim Paulista de Geografia. 50 anos nº76 – São Paulo – SP, DEZ/99.

Sites:

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

www.ibge.gov.br/

ANA – Agência Nacional de Águas

www.ana.gov.br/

ABRH – Associação Brasileira de Recursos Hídricos

www.abrh.org.br/

Instituto das Águas do Paraná

www.aguasparana.pr.gov.br

CBH – Comitês de Bacias Hidrográficas

<http://www.cbh.gov.br/>

Documentários:

Aqüífero Guarani. National Geographic.

Canal do Panamá. Mar Morto. Correntes Marítimas.

Entrevistas: Programa Roda Viva – Transposição do rio São Francisco.

Documentário: Usina Hidrelétrica de Itaipu.

Documentário: Nilo: o rio dos Deuses. National Geographic. 1997

DISCIPLINA:	DIDÁTICA DA GEOGRAFIA		
C/H TOTAL:	72		
C/H TEÓRICA: 72	C/H PRÁTICA:	C/H EXTENSÃO:	C/H SEMIPRESENCIAL:
<p>EMENTA: A Didática: objeto de estudo e sua evolução história; A organização do processo de ensino e aprendizagem: abordagens, características e consequências para a educação; O planejamento: características e necessidade numa perspectiva interdisciplinar.</p> <p>REFERÊNCIAS: COMÊNIO, João Amós. Didáctica magna. Lisboa: Fundação Calouste GulbenKian, 1976. FAZENDA, Ivani, C. A. Práticas interdisciplinares na escola. São Paulo: Cortez, 2001. GASPARIN, J. Luiz. Uma didática para a pedagogia histórico - crítica. São Paulo: Autores Associados, 2011. LIBÂNEO, José Carlos. Didática. São Paulo. Cortez, 1991. MASETTO, Marcos. Didática: a aula como centro. São Paulo: FTD, 1994. MIZUKAMI, Maria da Graça N. Ensino: as abordagens do processo. São Paulo: EPU, 1986. OLIVEIRA, Maria Rita Neto Sales de. A didática e seu objeto de estudo. Educ. Rev., Belo Horizonte (8): 36-41, dez. 1988. SAVIANI, Demerval. Escola e democracia. São Paulo: Cortez, 1984. _____. Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações. São Paulo: Cortez, 1991.</p>			

VYGOTSKY, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

Complementar

CURY, Carlos Roberto Jamil. Tendências do ensino no Brasil hoje. **Educação e Sociedade**, n. 25, p. 44-54, 1986.

GIMENO SACRISTÁN, J. E PÉREZ GÓMEZ, A. I. **Compreender e transformar o ensino**. Porto Alegre, ARTMED, 1998.

LIBÂNEO, José Carlos. **Democratização da escola pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos**. São Paulo: Loyola, 1985.

_____. Os conteúdos escolares e sua dimensão crítico-social. **REVISTA ANDE**, São Paulo. v.6, n.11, p.5-14, 1986.

LUCKESI, C. C. **Avaliação da aprendizagem na escola**; reelaborando conceitos e recriando a prática. Salvador: Malabares Comunicação e Eventos, 2003.

RAYS, Oswaldo Alonso. **Planejamento de ensino: um ato político pedagógico**. UFSM RS, 1987.

SAVIANI, Demerval. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2007.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Planejamento: Projeto de ensino-aprendizagem e projeto político-pedagógico, elementos para elaboração e realização**. São Paulo: Libertad, v.1, 2000.

VEIGA, Ilma. P. A. (Org.). **Técnicas de ensino: por que não?** Campinas: Papirus, 1991.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins fontes, 1998.

WACHOWICZ, Lílian Anna. **O método dialético na didática**. Campinas: Papirus, 1991

DISCIPLINA:	CARTOGRAFIA TEMÁTICA E DIGITAL		
C/H TOTAL:	72		
C/H TEÓRICA: 30	C/H PRÁTICA: 32	C/H EXTENSÃO: 10	C/H SEMIPRESENCIAL:
EMENTA:			
Fundamentos da cartografia temática. Representação e comunicação de informações geográficas. Métodos e técnicas de representação temática. Aplicação de programas de cartografia digital para representação de dados geográficos: socioeconômicos, culturais e geoambientais.			
Referências:			
ARCHELA, Rosely S. Mapa: Instrumento de Comunicação e Pesquisa . São Paulo, 1993. Dissertação - USP.			
MARTINELLI, Marcelo. A Cartografia Temática da Geografia: Considerações teórico Metodológico . Anais. IV Encontro de Geógrafos, São Paulo, 1988.			
MARTINELLI, Marcelo. Curso de Cartografia Temática . São Paulo: Contexto, 1991.			
SANCHEZ, Miguel C. Conteúdo e eficácia da Imagem Gráfica. Boletim de Geografia Teorética . Rio Claro, v.11, n. 22, p.74-81, 1981.			
TAYLOR, D. R. Fraser. Uma Base Conceitual para a Cartografia: Novas Direções para a Era da Informação. Caderno de Textos – Série Palestras , São Paulo, v. 1, n.1, p. 11-24, ago., 1994.			

DISCIPLINA:	GEOMORFOLOGIA		
C/H TOTAL:	144		
C/H TEÓRICA: 108	C/H PRÁTICA: 36	C/H EXTENSÃO: -	C/H SEMIPRESENCIAL: -
<p>EMENTA: Abordagem dos sistemas morfológicos, morfoestruturais na dinâmica de esculturação do modelado terrestre, formas de relevo e sua relação com o substrato geológico; A relação entre os processos endógenos e exógenos na evolução do relevo; As grandes estruturas do relevo terrestre; A bacia hidrográfica como unidade básica do relevo; Introdução a técnicas de levantamentos geomorfológicos. Geomorfologia das grandes estruturas geomorfológicas do Brasil, Paraná e da dimensão local. Interpretação geomorfológica da compartimentação das formas em cartas topográficas a partir de perfis. Identificação de formas do relevo in loco em atividades - trabalho de campo. Educação ambiental.</p> <p>REFERÊNCIAS:</p> <p>AB'SABER, Aziz Nacib, A Obra de Aziz Nacib Ab'Saber. Editora BECA. 2010 Patrocínio da Petrobrás.</p> <p>AB'SABER, Nacib Aziz; PLANTENBERG, Clarita M. (Orgs). Previsão de Impactos. São Paulo: EDUSP, 1998.</p> <p>AZEVEDO, Aroldo de (Coord.). Brasil: a terra e o homem. São Paulo: Nacional, 1972.</p> <p>BIGARELLA, João José (Coord.) A Serra do Mar e a Porção Oriental do Estado do Paraná: um problema de segurança ambiental e nacional. Curitiba: S.E.P., 1970. Revistas da UGB- União de Geomorfologia do Brasil- Revista Brasileira de Geomorfologia.</p> <p>BIGARELLA, João José. Visão Integrada da Problemática da Erosão. Curitiba: CONCITEC, 1985.</p> <p>BRASIL, IBGE – Cartas do Brasil – Cartas Topográficas. Rio de Janeiro. Serviço Gráfico do IBGE, 1972.</p> <p>BRASIL, IBGE. Geografia do Brasil – Regiões Brasileiras. Rio de Janeiro: IBGE, 1977.</p> <p>CHRISTOFOLETTI, Antonio. Geomorfologia. 2ª ed. São Paulo: Edgar Blücher, 1980.</p> <p>_____, Geomorfologia Fluvial. São Paulo. Edgar Blücher, 1981.</p> <p>CUNHA, Sandra Batista da; GUERRA, Antonio José Teixeira. Geomorfologia e Meio Ambiente. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.</p> <p>CUNHA, Sandra Batista da; GUERRA, Antonio José Teixeira (Orgs). Geomorfologia: exercícios, técnicas e aplicações. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.</p> <p>FLORENZANO Teresa G. Geomorfologia conceitos e Tecnologias atuais. Editora oficina de textos. São Paulo. 2008</p> <p>GUERRA, A.T. Dicionário Geológico-Geomorfológico. 7ª ed. Rio de Janeiro: IBGE, 1987</p> <p>GREGORY, K. J. A Natureza da Geografia Física. Trad. Eduardo de Almeida Navarro. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992.</p> <p>MAACK, Reinhard. Geografia Física do Estado do Paraná. Curitiba, Imprensa Oficial do Paraná, 2002.</p> <p>MENDONÇA, Francisco de Assis. A Evolução Sócio-Econômica do Norte Novíssimo de Paranaíba e os Impactos Ambientais – Desertificação? (Dissertação de Mestrado) USP. São Paulo: Of Set., 1990.</p> <p>MENDONÇA, Francisco de Assis. Geografia e Meio Ambiente. São Paulo: Contexto, 1993.</p> <p>PENTEADO, M. M. Fundamentos de Geomorfologia. Rio de Janeiro: IBGE, 1983.</p> <p>ROSS, Jurandyr Luciano Sanches. Geomorfologia: ambiente e planejamento. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 1991. (Coleção repensando a geografia)</p>			

TORRES, Fillipe Tamiozo Pereira *et. al.* **Introdução à Geomorfologia**. CENGAGE Learning. São Paulo. 2012. 322 p

Complementar:

AB' SABER, Nacib Aziz; **Os Domínios de Natureza no Brasil**. São Paulo: Ateliê Editorial; 2003.
BIGARELLA, João José (Coord.) **A Serra do Mar a e Porção Oriental do Estado do Paraná: um problema de segurança ambiental e nacional**. Curitiba: S. E. P., 1970.
MENDONÇA, Francisco de Assis. **Geografia e Meio Ambiente**. São Paulo: Contexto, 1993.

DISCIPLINA:	GEOGRAFIA DO PARANÁ		
C/H TOTAL:	72		
C/H TEÓRICA: 52	C/H PRÁTICA:	C/H EXTENSÃO: 20	C/H SEMIPRESENCIAL:
<p>EMENTA: A abordagem sobre a formação do espaço geográfico do Estado do Paraná, das relações apreendidas entre sociedade/natureza e das dinâmicas sócio espaciais, revelam uma perspectiva essencialmente geográfica acerca do território paranaense. A compreensão da diversidade regional encontrada ao longo de seu território denota ainda aspectos peculiares de sua formação e interação entre fatores locais e globais essenciais ao conhecimento e formação do profissional em geografia.</p>			
<p>REFERÊNCIAS: ARCHELA, R. S.; FRESCA, T. M.; SALVI, R. F. (Orgs.) Dimensões do Espaço Paranaense. Londrina: EDUEL, 2002. CAMARGO, J. B. Geografia Física, Humana e Econômica do Paraná. Paranavaí: Ed. Gráfica, Paranavaí, 1994. CARVALHO, M. S. de; FRESCA, T. M. (Orgs.) Geografia e Norte do Paraná: um resgate histórico. Londrina: Ed. Humanidades, 2007. FRAGA, N. C. Territórios Paranaenses. Florianópolis: Insular, 2011. IBGE-SIDRA. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Banco de Dados Agregados. Disponível em: <http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/>. IPARDES. Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social. Leituras regionais. Curitiba: IPARDES: BRDE, 2004. ITCF. Atlas do Estado do Paraná, 1987. MAACK, Reinhard. Geografia Física do Estado do Paraná. Curitiba: José Olympio/ Imprensa Oficial do Paraná, 1981. SWAIN, Tânia Navarro. Fronteiras do Paraná: da Colonização à Migração. In: <i>Fronteiras?</i> BECKER, B. <i>et. al.</i> Brasília: Editora da Universidade de Brasília. Brasília- Paris: ORSTOM, 1988. p. 19-37. RODERJAN, C.V.; GALVÃO, F.; KUNIYOSHI, Y.S.; HATSCHBACH, G. G. As Unidades Fitogeográficas do Estado do Paraná. Ciência e Ambiente. v.24, n.1, p. 42-75. 2002.</p>			

DISCIPLINA:	PRÁTICA CURRICULAR II		
C/H TOTAL:	72		
C/H TEÓRICA: 62	C/H PRÁTICA:	C/H EXTENSÃO: 10	C/H SEMIPRESENCIAL:
<p>EMENTA: Ligações das teorias e prática pedagógicas no ensino de Geografia. Linguagens, metodologias e suas implicações no processo de ensino e aprendizagem da Geografia.</p> <p>REFERÊNCIAS:</p> <p>CASTELLAR, S.; VILHENA, J. Ensino de Geografia. São Paulo: Cengage Learning, 2010.</p> <p>CASTROGIOVANNI, A. C. <i>et al</i> (Org). Geografia em sala de aula: práticas e reflexões. 2ed. Porto Alegre: Ed. Da Universidade/UFRGS/ Associação dos Geógrafos Brasileiros- seção Porto Alegre, 1999. 197p.</p> <p>CARLOS, A. F. A; OLIVEIRA, A. U. Reformas no mundo da educação. São Paulo. Contexto, 1999.</p> <p>CARVALHO, A. M. P. de Prática de Ensino. Os estágios na formação do professor. São Paulo. Pioneira, 1985.</p> <p>CATROGIOVANNI, A. C. (Org). Geografia em sala de aula. Práticas e reflexões. Porto Alegre: AGB, 1998.</p> <p>LACOSTE, Y. Geografia, isso serve em primeiro lugar para se fazer a guerra. Campinas, Papirus, 1988.</p> <p>LUCKEZI, C. Avaliação educacional escolar, para além do autoritarismo. ANDE, Revista da associação nacional de Educação, nº 10, São Paulo, 1986.</p> <p>MIZUKAMI, M. da G.: Ensino: as abordagens do processo. São Paulo: EPU, 1986.</p> <p>MOLINA, Olga. Quem engana quem, professor X livro didático. Campinas: Papirus, 1988.</p> <p>MORAES, Antonio R. de: Geografia: pequena história crítica. São Paulo: Hucitec, 1986.</p> <p>MORETTO, V. P. Prova: um momento privilegiado de estudo, não um acerto de contas. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.</p> <p>PASSINI, E. Y. Alfabetização Cartográfica e o livro didático, uma análise crítica. Belo Horizonte, Lê, 1994.</p> <p>PICONEZ, S. (Coord.) A Prática de Ensino e o estágio supervisionado. Campinas: Papirus, 1991.</p> <p>PONTUSCHKA, N. N.; PAGENELLI, T. I.; CACETE, N. H. Para ensinar e aprender Geografia. São Paulo: Cortez Editora, 2009.</p> <p>RUA, J. <i>et. al</i>. Para ensinar geografia. Rio de Janeiro: ACCESS, 1993.</p> <p>Secretaria de Estado de Educação do Paraná. Diretrizes Curriculares da Educação Básica. - Geografia. Paraná. Jam 3 Comunicação, 2008.</p> <p>Complementar:</p> <p>ALMEIDA, R. D. de; PASSINI, E. Y. O espaço geográfico ensino e representação. São Paulo: Contexto, 1989.</p> <p>AQUINO, J. G. Indisciplina na escola: alternativas e práticas. São Paulo: Summus editorial, 1996.</p> <p>BERBEL, N. A. N. Metodologia da problematização - fundamentos e aplicações. Londrina: Eduel, 1999.</p> <p>PASSINI, E.Y.; PASSINI, R; MALYSZ, S. T. Prática de Ensino de Geografia e Estágio Supervisionado. São Paulo: Contexto, 2007.</p> <p>PENTEADO, H. Metodologia do ensino de história e geografia. São Paulo, Cortez, 1992.</p> <p>FARIA, A. M. Ideologia do livro didático. São Paulo: Cortez, 1984.</p>			

DISCIPLINA:	NOÇÕES DE ESTATÍSTICA APLICADA À GEOGRAFIA		
C/H TOTAL:	72		
C/H TEÓRICA: 60	C/H PRÁTICA: 12	C/H EXTENSÃO:	C/H SEMIPRESENCIAL:
EMENTA: Estatística descritiva. Principais modelos de probabilidade. Intervalos de confiança. Testes de hipótese. Noções de regressão.			
REFERÊNCIAS:			
<p>BARBETA, P. A. Estatística aplicada às Ciências Sociais. 5 ed.. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2002.</p> <p>BUSSAB, W. de O.; BOLFARINE, H. Elementos de Amostragem. São Paulo: IME, USP, 2000.</p> <p>BUSSAB, W. de O.; MORETTIN, P. A. Estatística Básica. 5ª Ed. São Paulo: Saraiva, 2006.</p> <p>HELENE, O. A. M.; VANIN, V. R. Tratamento estatístico de dados. São Paulo: Editora Edgar Blucher LTDA, 1981.</p> <p>MORETTIN, P. A.; TOLOI, C. M. C. Análise de séries temporais. São Paulo: Editora Edgar Blucher, 2004.</p> <p>PERES, C. A.; SALDIVA, C. D. Planejamento de experimentos. São Paulo: 5º SINAPE, 1982.</p> <p>MURTEIRA, B. J. Análise exploratória de dados. Lisboa: McGraw-Hill, 1993.</p>			

DISCIPLINA:	METODOLOGIA E APLICABILIDADE DA EXTENSÃO		
C/H TOTAL:	144		
C/H TEÓRICA: 36	C/H PRÁTICA:	C/H EXTENSÃO: 108	C/H SEMIPRESENCIAL:
EMENTA:			
Fundamentos da tríade ensino, pesquisa e extensão. Teoria e métodos aplicados à extensão. Planejamento das práticas de extensão. Amplitude das inter-relações das práticas da extensão.			
REFERÊNCIAS:			
<p>BATALHA, T. B. S. Contribuições da Extensão Universitária na Sociedade. v.1, nº16, 141-148, março, 2013. Cadernos de Graduação. Disponível em: https://periodicos.set.edu.br/index.php/cadernohumanas/article/viewFile/494/254</p> <p>RODRIGUES, F. T. R. de L.; SILVA, R. R.; TEIXEIRA, M. R. S. Uma Análise da Gestão de Projeto de Extensão numa Instituição Federal de Ensino. Revista Gesec. v.7, nº 3, p. 150-171, set/dez, 2016. https://www.revistagesec.org.br/secretariado/article/view/502</p> <p>SILVA, M. do S.; VASCONCELOS, S. D. Extensão Universitária e Formação Profissional: avaliação da experiência das Ciências Biológicas da Universidade Federal de Pernambuco. Disponível em: http://www.fcc.org.br/pesquisa/publicacoes/eae/arquivos/1280/1280.pdf</p> <p>SIVERIS, L. (Org.) A extensão universitária como princípio de aprendizagem. Brasília: Liber livros 2013. 272p. Disponível em: http://unesdoc.unesco.org/images/0023/002320/232083por.pdf</p>			

3ª SÉRIE

DISCIPLINA:	CLIMATOLOGIA GERAL		
C/H TOTAL:	72		
C/H TEÓRICA: 60	C/H PRÁTICA: 12	C/H EXTENSÃO:	C/H SEMIPRESENCIAL:
<p>EMENTA: Conceitos de Tempo e Clima. Camadas e estruturas da atmosfera. Radiação solar e terrestre. Circulação geral da atmosfera. Dinâmica das massas de ar. Observações do tempo atmosférico. Classificação climática. Fenômenos atmosféricos e consequências para a sociedade. Clima e organização do espaço geográfico. Mudanças climáticas.</p> <p>REFERÊNCIAS:</p> <p>ANDRADE, J. C. S.; COSTA, P. Mudança climática, protocolo de Kyoto e mercado de créditos de carbono: desafios à governança ambiental global. O&S - v.15 - n.45 - Abril/Junho - 2008, p. p. 29-45. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/osoc/v15n45/02.pdf>. Acesso em: 23 março de 2016.</p> <p>AYOADE, J. Introdução à Climatologia para os Trópicos. Rio de Janeiro: Editora Bertrand do Brasil S.A., 1998.</p> <p>BARBALHO, A. Estado, mídia e identidade: políticas de cultura n Nordeste contemporâneo. ALCEU, v. 4, n8, p.p.156-167, jan/jun. 2004.</p> <p>COCKELL, C. (Org.). Sistema Terra-Vida. São Paulo: Oficina de Textos, 2011.</p> <p>CONTI, J. B. Considerações sobre as mudanças climáticas globais. Revista do Departamento de Geografia, 16 (2005), p. p. 70-75.</p> <p>FERREIRA, A. G. Meteorologia Prática. São Paulo: Oficina de Textos, 2006.</p> <p>FORSDYKE, A. G. Previsão do tempo e clima. São Paulo: Editora Melhoramentos, 1985.</p> <p>IZABEL, R. Trd. Alice Nicolán. A Evolução dos Climas. Lisboa Portugal: Editora Terramar, 1990.</p> <p>JESUS, E. F. R. Algumas considerações a respeito das mudanças climáticas atuais. Sitientibus, Feira de Santana, n.10, p. 31-49, jul./dez. 1992.</p> <p>MARENGO, J. A. Água e mudanças climáticas. Estudos Avançados, 22 (63), 2008. p. p. 83-96.</p> <p>MENDONÇA, F. & OLIVEIRA, I. M. D. Climatologia: noções básicas e climas do Brasil. São Paulo: Oficina de Textos, 2007.</p> <p>NIMER, Edmon. Climatologia do Brasil. Rio de Janeiro: Ed IBGE, 1989.</p> <p>TOLENTINO, M. & ROCHA-FILHO R. & SILVA. R. R. A Atmosfera Terrestre. São Paulo. Moderna, 2008.</p> <p>CAVALCANTI, I. F. A. & FERREIRA N.J. & DIAS M. A. F., JUSTI M. G. A. (Orgs.). Tempo e clima no Brasil. São Paulo: Oficina de Textos, 2009.</p> <p>Complementar:</p> <p>edermileno.ggf.br/.../livro-de-meteorologia-e-climatologia GEIGER, Rudolf. Manual de microclimatologia LOMBARDO, M. S. Ilha de Calor Nas Metrôpoles. São Paulo: Ed. Hucitec, 1985. Meteorologia para Aero navegantes – Ministério da Aeronáutica. Sites: Inpe – Simepar Sites:</p>			

INPE – Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais
www.inpe.br
SIMEPAR - Sistema Meteorológico do Paraná
www.simepar.br
CPTEC - Centro de Previsão de Tempo e Estudos Climáticos
http://www.cptec.inpe.br/
CLIMA TEMPO – previsão do tempo
http://www.climatempo.com.br/
INMET – Instituto Nacional de Meteorologia
www.inmet.gov.br/
IAG – Instituto de Astronomia, Geofísica e Ciências Atmosféricas da USP
http://www.iag.usp.br/
Filmes: O dia depois de Amanhã. 2004.
Documentários: O homem do tempo. National Geographic.

DISCIPLINA:	PEDOLOGIA		
C/H TOTAL:	72		
C/H TEÓRICA: 54	C/H PRÁTICA: 18	C/H EXTENSÃO:	C/H SEMIPRESENCIAL:
<p>EMENTA:</p> <p>Origem e evolução da ciência dos Solos, conceito, composição, morfologia, classificação, especificidades regionais, manejo e técnicas de conservação ambiental, processos de esculturação e constituição físico-química do solo, aprimorando aos fundamentos de compreensão na perspectiva geográfica. Educação Ambiental.</p> <p>REFERÊNCIA:</p> <p>BRADY, N. Natureza e propriedades dos solos. Livraria Freitas Bastos S.A.; 1989 BUCKMAN, H. O.; BRADY, M. C. Natureza e propriedades dos solos. Livraria Freitas Bastos, S.S.; 1986. BUTING, B. T. Geografia do solo. ED. Zahar,1971. COELHO, Fernando S. 1973 – 1971. Fertilidade do solo. Campinas: Inst. Comp. De Ens. Agrícola, 2ª. Ed.; 1973. GALET, P. A. Conservação do solo: reflorestamento, clima 2ª. Ed.; Campinas. São Paulo: Inst. De Ens. Agrícola, 1973. HENIN, S. G. R.; MUNNIER, G. Os solos agrícolas. Ed. Forense EDUSP, 1976 JORGE O. A. Solo e adubação. EDUSP, 1969. JORGE, K. A. Física e manejo dos solos tropicais. Inst. Campineiro de Ensino Agrícola, 1985. KAVALERIDZE, W. C. Formação, dinâmica, tratamento e conservação do solo. Apostila Curitiba – Pr,1976. MUNIR, A. C. Elementos da Pedologia. EDUSP, 1972. RANZANI, G. Manual de levantamento de solo. ED. EDUSP, 1969. VIEIRA, L. S. Manual de levantamento do solo. Agronômica Ceres, 1975</p>			

DISCIPLINA:	GEOGRAFIA AGRÁRIA		
C/H TOTAL:	72		
C/H TEÓRICA: 72	C/H PRÁTICA:	C/H EXTENSÃO:	C/H SEMIPRESENCIAL:
<p>EMENTA: As abordagens teóricas e metodológicas da geografia agrária, a formação histórica do espaço agrário brasileiro e regional, bem como as transformações recentes nas relações agrícolas e agrárias no campo brasileiro revelam a construção da lógica organizacional do espaço agrário em questão. Da mesma forma, a fundamentação sobre as temáticas da questão agrária e dos movimentos sociais de luta pela terra, é essencial para o conhecimento das consequências advindas do modelo agrário atual.</p> <p>REFERÊNCIAS:</p> <p>ABRAMOVAY, R. Paradigmas do capitalismo agrário em questão. Campinas: Hucitec/Anpocs / Editora da Unicamp, 1992.</p> <p>ANDRADE, M. C. de. Geografia Ciência e Sociedade. São Paulo: Atlas, 1987.</p> <p>CHAYANOV, A. V. Sobre a teoria dos sistemas econômicos não capitalistas. In SILVA, J. G. & STOLCKE, V. A questão agrária. São Paulo: Brasiliense, 1981.</p> <p>DINIZ, J. A. F. Geografia da Agricultura. São Paulo: Difel, 1984.</p> <p>STOLCKE, V. A questão agrária. São Paulo: Brasiliense, 1981c.</p> <p>FAO/ICRA (1984) Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária. Diretrizes de Política Agrária e Desenvolvimento Sustentável para a pequena produção familiar. Projeto UTB/BRA/O36/BRA. Brasília, 1994.</p> <p>FERNANDES, B. M. Questão Teórica - metodológicas da pesquisa Geográfica em Assentamento de Reforma Agrária. Cadernos Estudos NERA, n.º 2, Presidente Prudente: NERA, 1998.</p> <p>_____. Reforma agrária e modernização no campo. São Paulo: Terra Livre, n.º 11/12, p. 153-76, 1996 a.</p> <p>_____. MST: Formação e Territorialização. São Paulo: Hucitec, 1996 b.</p> <p>_____. Formação camponesa na luta pela terra. Presidente Prudente, 1998.</p> <p>GRAZIANO F. NETO. Recolocando a questão agrária. In STÉDILE, J. P. (1994). (Org.). A questão agrária hoje. Porto Alegre: UFRGS/ ANCA.</p> <p>GRAZIANO DA SILVA, J. A modernização dolorosa. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981 a.</p> <p>_____. Progresso técnico e relações de trabalho na agricultura. São Paulo: Hucitec, 1981b.</p> <p>_____. & STOLCKE, V. A questão agrária. São Paulo: Brasiliense, 1981c.</p> <p>_____. A nova dinâmica da agricultura brasileira. São Paulo: Unicamp/SP, 1996.</p> <p>_____. De bóias-frias a empregados rurais. Maceió: EDUFAUL, 1997.</p> <p>GUIMARÃES, A. P. Quatro séculos de latifúndio. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.</p> <p>KAUTSKY, K. A questão agrária. São Paulo: Nova Cultural, (1899) 1986.</p> <p>LACOST, Yves. Geografia do Subdesenvolvimento. São Paulo: Difel, 1985.</p> <p>MARTINS, J. de S. A Reforma Agrária e os Limites da Democracia na nova República. São Paulo: Hucitec, 1986.</p> <p>_____. Capitalismo e tradicionalismo. São Paulo: Pioneira, 1975.</p> <p>_____. Os camponeses e a política no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1981.</p> <p>_____. A militarização da questão agrária no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1984.</p> <p>_____. O cativo da Terra. São Paulo: Hucitec, 1986a.</p>			

- _____. **Não há nada para plantar neste verão.** Petrópolis: Vozes, 1986 b.
- _____. **A reforma agrária e os limites da democracia na “nova república”.** São Paulo: Hucitec, 1986c.
- _____. **Caminhada no chão da noite.** São Paulo: Hucitec, 1989.
- _____. **A chegada do estranho.** São Paulo: Hucitec, 1993.
- _____. **O poder do atraso: ensaios de sociologia da história lenta.** São Paulo: Hucitec, 1994.
- _____. Revisando a questão agrária. (**Boletim do militante**). São Paulo: MST, 1996.
- _____. **Fronteira: a degradação do outro nos confins do humano.** São Paulo: Hucitec, 1997.
- _____. **Exclusão social e a nova desigualdade.** São Paulo: MST, 1996.
- _____. Agricultura e indústria no Brasil. **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo: AGB, n.º 58, 1981.
- _____. O que é renda da terra. In: **Revista Orientação, n.º 05.** São Paulo: Instituto de Geografia USP, 1984, p.94-95.
- _____. O que é renda diferencial I e II. In **Revista Orientação, n.º 06.** São Paulo: Instituto de Geografia USP, 1985, p.93-104.
- _____. **O que é renda da terra: Absoluta, de monopólio, pré-capitalista e preço da terra.** In: Revista Orientação, n.º 07. São Paulo: Instituto de Geografia USP, 1986a., p.77-85.
- OLIVEIRA, M. M. O. **Pequenos agricultores e reforma agrária no Brasil.** Brasília: Publicação do Autor, 1997.
- PRADO JR., C. **História econômica do Brasil.** São Paulo: Brasiliense (1945), 1974.
- STÉDILE, J. P. (Org.) **A questão agrária hoje.** Porto Alegre: Anca, 1994.
- _____. **A questão agrária no Brasil.** São Paulo: Atual, 1997.
- _____. **A reforma agrária e a luta do MST.** Petrópolis: Vozes, 1997.
- THOMAZ JR. A. **A territorialização do monopólio: as agroindústrias canavieiras em Jaboticabal.** São Paulo, 1988. **Dissertação (mestrado em geografia)** – Departamento de Geografia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.
- _____. **Por traz dos canaviais os (nós) da cana: uma contribuição ao entendimento da relação capital x trabalho e do movimento sindical dos trabalhadores envolvidos na agroindústria canavieira paulista.** São Paulo, 1996. Tese (Doutorado em Geografia) – Departamento de Geografia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.
- VALVERDE, O. Metodologia da geografia agrária. In:_____. **Reflexões sobre a geografia.** São Paulo: ABG, 1980.
- CASTRO, J. **Geografia da fome.** Rio de Janeiro: Antares, 1984.
- ENGELS, F. O problema camponês na França e na Alemanha. In **SILVA, J. G. & GEORGE, Pierre. Geografia Agrícola no Mundo.** São Paulo; Difel, 1982.
- LEITE, J. F. **A ocupação do Pontal do Paranapanema.** São Paulo: Hucitec, 1998.
- LÊNIN, V. I. **O desenvolvimento do capitalismo na Rússia.** São Paulo: Nova.
- LOPES, M. de R. **Agricultura Política: história dos grupos de interesse na agricultura.** Brasília: Embrapa, 1996
- MARX, K. **Contribuição para a crítica da economia política.** Lisboa: Editorial Estampa, 1977
- MINAYO, M. C. de S. **Raízes da Fome.** Rio de Janeiro: Vozes, 1985.
- NEVES, D. P. **Lavradores e pequenos produtores de cana.** Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- OLIVEIRA, A. U. Contribuição para o estudo da geografia agrária: crítica ao “estado isolado de Von Thumen”. São Paulo, 1978. **Tese (doutorado em Geografia)** – Departamento de Geografia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

DISCIPLINA:	FILOSOFIA		
C/H TOTAL:	72		
C/H TEÓRICA: 72	C/H PRÁTICA:	C/H EXTENSÃO:	C/H SEMIPRESENCIAL:
<p>EMENTA: O problema do conhecimento. O conhecimento científico, sua produção, natureza e método. A questão do método nas ciências humanas. Caracterização da filosofia e ética e suas possibilidades lógico-históricas. A geografia no âmbito do conhecimento e suas implicações ético-científicas na sociedade contemporânea.</p> <p>REFERÊNCIAS:</p> <p>ARISTÓTELES. Ética a Nicômaco. São Paulo: Abril Cultural, 1983 (Os Pensadores). CORTINA, A. Ética. São Paulo: Loyola, 2205. PLATÃO. A República. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1990. LIPOVETSKY, G. O crepúsculo do dever. Lisboa: Dom Quixote, 1994. KANT, I. Fundamentação da metafísica dos costumes. Lisboa: Ed. 70, 1986. MARX, K.; ENGELS, F. O Manifesto do partido comunista. São Paulo: Martin Claret, 2001. NIETZSCHE, F. A genealogia da moral. São Paulo: Brasiliense, 1987. MAQUIAVEL. O Príncipe. Lisboa: Europa-América, 1989. JIMÉNEZ, C. M. Trabalho e convivência: um ensaio de ética profissional. Londrina: Eduel, 1997. HORKHEIMER, M. Eclipse da razão. Rio de Janeiro: Labor. 1976. KANT, I. Prolegômenos a toda metafísica futura. Lisboa. 1982. _____. Resposta à pergunta: que é o iluminismo? In: A paz perpétua e outros opúsculos, Lisboa: Ed. 70. 1988 _____. Crítica da razão pura. São Paulo: Nova Cultural, 1987. KNELLER, G.F. A ciência como atividade humana. Rio de Janeiro. Zandar: São Paulo: EDUSP, 1980. NIETZSCHE, F. Para além de bem e mal. São Paulo: Companhia das Letras. 1992. _____. Sobre a verdade e a mentira no sentido extra-moral. São Paulo: Nova Cultural. 1987. REALE, Miguel. Introdução à filosofia. São Paulo: Editora Saraiva, 1988.</p>			

DISCIPLINA:	GEOGRAFIA ECONÔMICA		
C/H TOTAL:	72		
C/H TEÓRICA: 72	C/H PRÁTICA:	C/H EXTENSÃO:	C/H SEMIPRESENCIAL:
<p>EMENTA: Análise de distribuição de riquezas, salientando o processo de produção, e de transformação da natureza, e a organização do espaço, com base na Economia, dentro de uma ótica geográfica.</p> <p>REFERÊNCIAS:</p> <p>ADAS, M. Panorama geográfico do Brasil. São Paulo: ED. Moderna, 1985. ANDRADE, M. C. Geografia Econômica. São Paulo: ED. Atlas, 1973. BENKO, G. Economia espaço e globalização na aurora do século XXI. São Paulo: ED. Hucitec, 1999. CAMARGO, J B. DE. Geografia física, Humana e Econômica do Paraná. ED. Gráfica Paranaíba – Paraná, 1984.</p>			

CARLOS, A.F. **A Espaço e Indústria**. São Paulo: ED. Contexto, 1994.
 CARMO, P.S. **O trabalho na economia global**. São Paulo: Moderna, 1998.
 COHEN, D. **Riqueza do mundo e pobreza das nações**. Rio de Janeiro Bertrand, 1998.
 CHIAVENATO, J. J. **Ética globalizada & Sociedade de consumo**. São Paulo: Moderna, 1998.
 DAMIANI, D. **População e Geografia**. São Paulo: ED. Contexto, 1998.
 GEORGE.P. **Geografia Rural**. ED. Difusão Europeia do livro.
 GEORGE, P. **Geografia Econômica**. São Paulo: ED. Difel, 1983.
 GOMES, H. **A produção do espaço Geográfico no capitalismo**. São Paulo: ED. Contexto, 1985.
 IANNI.O. **Teorias da globalização**. Rio de Janeiro: Civilização, 1999.
 MAGNOLI, D. **O mundo contemporâneo: relações internacionais 1945 – 2000**. São Paulo: Moderna, 1996.
 OLIVEIRA, A.U. de. **Modo Capitalista de Produção e Agricultura**. São Paulo: ED. Ática, 1986.
 OLIVEIRA, A.U. de. **A Agricultura no Brasil**. São Paulo: ED. Contexto, 1991.
 SINGER, P. **O capitalismo: sua evolução, sua lógica e sua dinâmica**. São Paulo: Moderna, 1998.
 SMITH, N. **Desenvolvimento desigual**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1998.
 TODD, E. **A ilusão econômica: ensaios sobre a estagnação das sociedades desenvolvidas**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1999.
 TORRES, A.P. **Geografia Econômica**. Barcelona – Espanha: ED. Editorial Ramon Sopena, S/A., 1962.

DISCIPLINA:	GEOPROCESSAMENTO APLICADO AO ENSINO DE GEOGRAFIA		
C/H TOTAL:	72		
C/H TEÓRICA: 30	C/H PRÁTICA: 32	C/H EXTENSÃO: 10	C/H SEMIPRESENCIAL:
EMENTA:			
Fundamentos conceituais do geoprocessamento. Natureza das informações em geoprocessamento. As geotecnologias. Origem e características dos dados geográficos e a sua modelagem conceitual. O Geoprocessamento aplicado ao ensino de geografia, focando os aspectos socioeconômicos, culturais e geoambientais.			
REFERÊNCIA:			
BURROUGH, P.A. Principles of geographical information systems for land resources assessment . Oxford: Claredon Press, 3 ^o ed, 1991. CÂMARA, G.; CASANOVA, M.; HEMERLY, Y.A.; MAGALHÃES, G. & MEDEIROS, C. Anatomia dos Sistemas de Informações . Campinas, Instituto de Computação, UNICAMP, 1996. CÂMARA, Gilberto; DAVIS, Clodoveu; MONTEIRO, Antonio M.V. Introdução à Ciência da Geoinformação . Disponível em: http://www.dpi.inpe.br/ . CASANOVA, M. et. al. Banco de Dados Geográficos . Mundo Geo, Curitiba-PR, 2005. CHRISTOFOLETTI, Antônio, MORETTI, Edmar, TEIXEIRA, Amandio L. A. Introdução aos Sistemas de Informação Geográfica . Rio Claro: Edição do autor, 1992. 80p. DRUCK, S.; CARVALHO, M.S.; CÂMARA, G.; MONTEIRO, A.V.M. (eds). Análise Espacial de Dados Geográficos . Brasília, EMBRAPA, 2004. LANG, S.; BLASCHKE, T. Análise da Paisagem com SIG . Tradução Hermann Kux. Oficina de Textos, São Paulo, 2009.			

MENDES, C.A.B.; CIRILO, J. A. **Geoprocessamento em Recursos Hídricos: princípios, integração e aplicação.** Porto Alegre: ABRH, 2001.

MOURA, Ana Clara M. **Geoprocessamento na gestão e planejamento urbano.** Belo Horizonte: Ed. da autora, 2003.

PAESE, A.; UEZU, A.; LORINI, M.L.; CUNHA, A. (org.). **Conservação da Biodiversidade com SIG.** São Paulo: Oficina de Textos, 2012.

PINA, Maria de Fátima; CRUZ, Carla Madureira; MOREIRA, Ronaldo Ismério. **Conceitos Básicos de Sistemas de Informação Geográfica e cartografia aplicados à Saúde.** Brasília: Organização Panamericana da Saúde, Ministério da Saúde, 2000.

ROCHA, C.H.B. **Geoprocessamento - Tecnologia Transdisciplinar.** 2ed. Revista, atualizada e ampliada, Juiz de Fora, 2002.

ROCHA, J.A.M.R. **GPS - Uma abordagem prática.** 4ed. Revista e ampliada, Recife, Edições Bagaço, 2003.

SILVA, A.B. **Sistemas de Informações Geo-referenciadas: Conceitos e Fundamentos.** São Paulo. Ed. UNICAMP, 1999.

TEIXIERA, A.L.A.; MORETTI, E. & CRISTOFOLETTI, A. **Introdução aos Sistemas de Informação Geográfica.** Rio Claro. Edição do Autor.

TEIXIERA, A.L.A. & CRISTOFOLETTI, A. **Sistemas de Informação Geográfica - Dicionário Ilustrado.** São Paulo. Ed. Hucitec, 1997.

XAVIER DA SILVA, J. (org.). **Geoprocessamento para análise ambiental.** Bertrand Brasil. Rio de Janeiro. 2001.

DISCIPLINA:	ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO EM GEOGRAFIA I		
C/H TOTAL:	188		
C/H TEÓRICA: 72	C/H PRÁTICA: 76	C/H EXTENSÃO: 40	C/H SEMIPRESENCIAL:
EMENTA: O Estágio Supervisionado no Ensino de Geografia I, busca as discussões da relação entre teoria e a prática e o desenvolvimento dos Projetos de Ensino e Pesquisa como também a relação do ensino acadêmico e o ensino fundamental.			
REFERÊNCIAS: BRASIL, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Média e Tecnológica. Parâmetros curriculares nacionais: ensino médio. Brasília: Ministério da Educação, 2002. BRASIL, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: geografia. Brasília: Ministério da Educação, 2000. CASTROGIOVANNI, A. C.; CALLAI, H. C.; SCHÄFFER, N. O.; KAERCHER, N. A. Geografia em sala de aula: práticas e reflexões. UFRGS Editora/Associação dos Geógrafos Brasileiros, RS, 2003. PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Diretrizes Curriculares Para o Ensino de Geografia. Curitiba, SEE. 2006. PASSINI, E. Y. Prática de Ensino e Estágio Supervisionado. Editora Contexto, SP. 2007. PERRENOUD, P. Dez novas competências para ensinar. Porto Alegre: Artmed, 2000.			

DISCIPLINA:	PRÁTICA CURRICULAR III		
C/H TOTAL:	108		
C/H TEÓRICA: 36	C/H PRÁTICA: 36	C/H EXTENSÃO: 36	C/H SEMIPRESENCIAL:
<p>EMENTA: Articulações entre as teorias e práticas pedagógicas da Geografia. Linguagens, metodologias e suas implicações no processo de ensino e aprendizagem da Geografia.</p> <p>REFERÊNCIAS:</p> <p>CANO, M. R. de O. A reflexão e a prática no ensino: Geografia. São Paulo: Editora Blucher, 2007.</p> <p>CASTELLAR, S.; VILHENA, J. Ensino de Geografia. São Paulo: Cengage Learning, 2010.</p> <p>CASTROGIOVANNI, A. C. <i>et al</i> (Org). Geografia em sala de aula: práticas e reflexões. 2ªed. Porto Alegre: Ed. Da Universidade/UFRGS/ Associação dos Geógrafos Brasileiros- seção Porto Alegre, 1999. 197p.</p> <p>CANTET, L. Entre os Muros da Escola. França, 2008 (Filme).</p> <p>GASPARIN, J. L. Uma didática para a pedagogia Histórico-Crítica. Campinas: Editora Autores Associados. 2003.</p> <p>HADJI, C. Entrevista: é preciso apostar na inteligência dos alunos. Disponível em:<novaescola.org.br/formacao/formacao-continuada/charles-hadji-preciso-apostar-inteligencia-alunos-609977.shtml> Acesso em: maio, 2015.</p> <p>HOFFMAN, J. Entrevista: Por uma mudança efetiva na avaliação. Disponível em:<http://destaquedu.blogspot.com.br/2013/10/entrevista-com-jussara-hoffmann-por-uma.html> Acesso em maio de 2015.</p> <p>LOPES, C. S.; PONTUSCHKA, N. N. Mobilização e construção de saberes na prática pedagógica do professor de geografia. Geosaberes. Fortaleza. v. 2, n. 3, p. 89-104, jan. / jul. 2011.</p> <p>MORETTO, V. P. Prova: um momento privilegiado de estudo, não um acerto de contas. Rio de Janeiro: Lamparina, 2010</p> <p>PASSINI, E. Y. Alfabetização cartográfica e a aprendizagem de Geografia. São Paulo: Cortez, 2012.</p> <p>PONTUSCHKA, N. N.; PAGNELLI, T. I.; CACETE, N., H. Para ensinar e aprender Geografia. São Paulo: Cortez Editora, 2009.</p> <p>KAERCHER, N. A. O gato comeu a geografia crítica? Alguns obstáculos a superar no ensino e aprendizagem da Geografia. (In) PONTUSCHKA, N. N; OLIVEIRA, A. U. de. (Org.) Geografia em perspectiva: Ensino e pesquisa. São Paulo, Contexto, 2002.</p> <p>RUA, João. <i>et. al.</i> Para ensinar geografia. Rio de Janeiro: ACCESS, 1993.</p> <p>SANTOS, R. O. O ritual cotidiano de uma professora de sociologia do ensino médio e sua performance em sala de aula. Revista NUPEM, Campo Mourão, v.3, n.5, ago./dez.2011 Secretaria de Estado de Educação do Paraná. Diretrizes Curriculares da Educação Básica. - Geografia. Paraná. Jam 3 Comunicação, 2008.</p> <p>ANDERI, E. <i>et. al.</i> Sala Ambiente Projeto Político Pedagógico e a Organização do Ensino. Universidade Federal de Pernambuco. Site: coordenacaoescolagestores.mec.gov.br/.../sala.../sala_3_Projeto_Politico Pedagogico e a Organização do Ensino. ACESSO 24/02/11</p> <p>TANCREDI, R. M. S. P. Acompanhamento do processo ensino-aprendizagem através das provas escritas. Projeto integrado de ciências e matemática para professores da rede pública UFSCAR. Disponível em:<http://www.dm.ufscar.br/~salvador/homepage/pro_ciencias_2002/materialdistribuido/Metodos%20de%20Ensino/instrumentosavaliacao.pdf> Acesso em: 20 fev. 2010.</p>			

VASCONCELOS, C. dos S. **Intencionalidade:** palavra chave da avaliação. (Entrevista - Nova Escola)
Filmes:
Babel. Direção: Alejandro González Iñárritu. Drama suspense. (145min.), EUA, México, França, 2007.
Entre os muros da Escola. Direção: Laurent Cantet. França, 2008.

4ª SÉRIE

DISCIPLINA:	GEOGRAFIA DO BRASIL		
C/H TOTAL:	72		
C/H TEÓRICA: 72	C/H PRÁTICA:	C/H EXTENSÃO: -	C/H SEMIPRESENCIAL: -
<p>EMENTA: Inseridos nas diretrizes gerais do Curso de Graduação em Geografia, ou seja, a formação de professores e pesquisadores, a disciplina de Geografia do Brasil revestir-se-á de caráter formativo e informativo, levando os alunos às noções conceituais básicas da Geografia Regional e projetando-as para o estudo do caso brasileiro. A formação e estrutura interna de cada região e seus processos geradores serão analisados e mutuamente comparados, com o objetivo de atingir-se a plena compreensão das partes (regiões) entre si e de sua integração e articulação com o sistema como um todo.</p> <p>REFERÊNCIAS:</p> <p>ANDRADE, M.C. Uma Geografia para o século XXI. Campinas, SP: Papirus, 1994. CORREA, R. L. Trajetórias Geográficas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. CORREA, R. L. "A Organização Regional do Espaço Brasileiro". Geosul. FRÊMONT, Armand. "Região, Espaço Vivido". Coimbra Almedina. CORREA, R. L. "Região e Organização Espacial": São Paulo: Ática. ROSS, J. L. S. Geografia do Brasil. São Paulo. Edusp. 5ª ed. 2005. SANTOS, M. SILVEIRA, M. L. O Brasil - Território e sociedade no início do século XXI. Rio de Janeiro: Record.</p> <p>Complementar</p> <p>ALBUQUERQUE, E. S. de. (Org.) Que País é esse? São Paulo: Globo, 2005. COSTA, R. da. H. "Latifúndio e Identidade Regional". Porto Alegre. MAGNOLI, D.; ARAUJO, R. A nova geografia - Estudos de Geografia do Brasil, Moderna. São Paulo 1ª ed. 1993.</p>			

DISCIPLINA:	GEOGRAFIA URBANA		
C/H TOTAL:	72		
C/H TEÓRICA: 72	C/H PRÁTICA:	C/H EXTENSÃO: -	C/H SEMIPRESENCIAL: -
<p>EMENTA: História do Espaço urbano e industrial no campo disciplinar. A estrutura do espaço urbano e industrial, a ação dos agentes que atuam a ação do homem e suas complexas estruturas de organização. A ação do capital no processo de urbanização e industrialização.</p> <p>REFERÊNCIAS:</p> <p>CARLOS, Ana Fani Alessandri. Espaço e Indústria. São Paulo: Contexto, 1997 CASTELLS, Manuel, A questão urbana, Paz e Terra, São Paulo, 1983.</p> <p>CASSILHA A. Gilda & CASSILHA A. Simone, Planejamento Urbano e Meio ambiente. Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2007. 176 P.</p> <p>CONTEL, F.B. Rede urbana e cidades médias no Brasil: abordagens clássicas, abordagens contemporâneas. In. HOLANDA, V. C. C.; AMORA, Z. B. (Org). Leituras e saberes sobre o urbano: cidades do Ceará e Mossoró no Rio Grande do Norte. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2010.</p> <p>HARVEY, David. A Justiça Social e a Cidade. São Paulo: Hucitec, 1980.</p> <p>LEFEBVRE, Henri. O direito à cidade. Tradução de T. C. Netto. São Paulo: Editora Documentos Ltda., 1969.</p> <p>LOBATO, R. Construindo o conceito de cidade média. In: SPOSITO, M. E. B. (org.). Cidades Médias espaços em transição. São Paulo: Expressão Popular, 2007. p.23-33.</p> <p>KONZEN, Lucas. A mudança de paradigma em Sociologia Urbana: do paradigma ecológico ao sócio espacial. Revista de Ciências Humanas - Florianópolis - Volume 45, Número 1 - p. 79-99- Abril de 2011.</p> <p>SILVEIRA, Maria Laura. Globalização e circuitos da economia urbana em cidades brasileiras. Cuadernos Del Cendes. Caracas-Venezuela. Ano 21. Terceira época. Setembro-dezembro de 2004. ISSN: 1012-2508.</p> <p>SANTOS, Milton, A urbanização Brasileira. 5a edição. São Paulo: Edusp, 1997.</p> <p>_____, Técnica, espaço, tempo, Globalização e meio técnico-científico-informacional. 4ª edição. São Paulo: Hucitec, 1997.</p> <p>_____, O espaço dividido - os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.</p> <p>SPÓSITO, M. E. B. Capitalismo e Urbanização. São Paulo. Editora Contexto. 1997.</p> <p>SETTE, J. Gestão democrática e participativa: um caminho para cidades socialmente justas? Revista Democracia Viva, do Ibase. No. 18, setembro/outubro de 2003.</p> <p>SOJA, Edward. Geografias Pós-Modernas - A Reafirmação do Espaço na Teoria Social Crítica. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.</p>			

DISCIPLINA:	BIOGEOGRAFIA		
C/H TOTAL:	144		
C/H TEÓRICA: 108	C/H PRÁTICA: 36	C/H EXTENSÃO:	C/H SEMIPRESENCIAL:
<p>EMENTA:</p> <p>Estuda as razões da distribuição dos seres vivos como biocenoses, na estrutura da biosfera, considerando as inter-relações, bióticas e abióticas numa perspectiva geográfica ambiental e amplitude sistêmica tempore-espacial que envolve a compreensão da dinâmica e aspectos, evidenciados nas paisagens do mundo.</p> <p>REFÊRENCIAS BÁSICAS:</p> <p>AGOSTINHO, AA., GOMES, LC. PELICICE, FM. Ecologia e Manejo de Recursos Pesqueiros em Reservatórios do Brasil. Maringá: EDUEM, 2007, 501p.</p> <p>AGOSTINHO, A.A., GOMES, L.C., RODRIGUES, Liliana, THOMAS, Sidinei Magela. Biocenoses em Reservatórios: padrões espaciais e temporais. Maringá: RIMA, 2005.</p> <p>ANDRADE-LIMA, Dardano de; BIGARELLA, João José; RIEHS, P. Jorge. Considerações a Respeito das Mudanças Paleoambientais na Distribuição de Algumas Espécies Vegetais e Animais no Brasil. In. Anais da Academia Brasileira de Ciências, 1975.</p> <p>ARROYO, M. <i>et. al.</i> (Orgs). Natureza e Sociedade de Hoje: uma leitura Geográfica. 3ª ed. São Paulo: HUCITEC, 1997.</p> <p>BARBOSA, G. V. de S.; DAROS, E.; OLIVEIRA, R. A. de (Orgs.). 45 anos de Variedades RB de Cana-de-açúcar: 25 anos de Ridesa, Curitiba: Graciosa, 2015, 156 p.</p> <p>BEGON, M.; HARPER, J. L.; TOWNSEND, C. R. Fundamentos em Ecologia. Tradução de Leandro da Silva Duarte. Porto Alegre: Artmed, 2010. 576 p.</p> <p>BIGARELLA, J. J. Visão integrada da problemática da erosão. Curitiba, CONCITEC, 1985.</p> <p>BRASIL, Fundação IBGE. Cadernos de Geociências. V. 10-15 Rio de Janeiro: IBGE, 1995.</p> <p>BRASIL, Fundação IBGE. Geografia do Brasil: Região Sul. Rio de Janeiro, IBGE, 1989.</p> <p>BRASIL, Fundação IBGE. Geografia e Questão Ambiental. Rio de Janeiro, 1993.</p> <p>BRASIL, Fundação IBGE. Tipos e Aspectos do Brasil. Rio de Janeiro. IBGE, 1975.</p> <p>BRASIL, Presidência da República. O Desafio do Desenvolvimento Sustentável. Brasília: Cima, 1991.</p> <p>BRAUN, Blanquet, J. Fitossociologia: bases para el estudio de las comunidades vegetales. Madri. Ed. H. Blume, 1979.</p> <p>BROWN, James H.; LOMOLINO, Mark V. Biogeografia. 2ª ed., Ribeirão Preto, SP: FUNPEC, 2006.</p> <p>BUFFALDE, N.D. Diversidade de plantas e animais. São Paulo: Ed. Edgard Blucher, EDUSP, 1974.</p> <p>DAJOZ, R. Ecologia Geral. Petrópolis. Ed. Vozes, 1979.</p> <p>DAROS, E.; HOFFMANN, H. P.; OLIVEIRA, R. A. de (Orgs.). Liberação Nacional de Variedades RB de Cana-de-Açúcar. 1ª Edição, Curitiba: Graciosa, 2015, p.1-71.</p> <p>DAROS, E. (Org.). Clones RB de Cana-de-Açúcar. Curitiba: Graciosa, 2014. p.1-110.</p> <p>DINARDO-MIRANDA, L. L.; LANDELL, M. G. de A.; VASCONCELOS, A. C. M. de (Editores) Cana-de-Açúcar. Campinas: Instituto Agrônomo de Campinas, 2008, 882 p.</p> <p>COX, C. B.; MOORE, P. D. Biogeografia: uma abordagem ecológica e evolucionária. Tradução Luiz Felipe C. F. da Silva. 7ª ed. Rio de Janeiro: LCT, 2011.</p> <p>ESTEVES, Francisco de Assis. Fundamentos de Limnologia. 2ª ed. Editora Interciência Ltda. Rio de Janeiro, 1998.</p>			

ESTEVES, K. E.; ARANHA, J. M. R. Ecologia de peixes de riachos. In: CARAMASCHI E. P. *et.al.* (Eds.) Série Oecologia Brasiliensis – **Ecologia de peixes de riachos**. Programa de Pós-Graduação em Ecologia – Instituto de Biologia Universidade Federal do Rio de Janeiro. VI, 1999, p. 157-182.

FELLENBERG, G. **Introdução aos problemas da poluição ambiental**. São Paulo, EDUSP, 1980.

FERRI, M. G.; GOODLAND, R. **Ecologia do Cerrado**. Belo Horizonte. Ed. Itatiaia, EDUSP, 1979.

FERRI, Mário Guimarães. **Vegetação Brasileira**. Belo Horizonte. São Paulo. Ed. Itatiaia, 1980.

GRAÇA, W. J. da; PAVANELLI, C. S. **Peixes da Planície de Inundação do Alto Rio Paraná e Áreas de adjacentes**. Maringá, EDUEM, 2007.

GONÇALVES, C. W. P. **Os (Des) caminhos do Meio Ambiente**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 1990.

HENRY, R.; JORCIN, A.; NOGUEIRA, M. G. **Ecologia de Reservatórios: Impactos potenciais, ações de manejo e sistemas em cascata**. 2ª ed. RIMA, São Carlos, 2006.

HENRY, Raoul. (Org.) **Ecótonos nas Interfaces dos Ecossistemas Aquáticos**. São Carlos, RIMA, 2003.

MAACK, Reinhard. **Geografia Física do Estado do Paraná**. Curitiba, Imprensa Oficial do Paraná, 2002.

MARTINS, Celso. **Biogeografia e Ecologia**. 4ª ed. São Paulo, Ed. Nobel, 1981.

MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo. **Geossistemas: a história de uma procura**. São Paulo, Geosp: Contexto, 2000.

ODUN, E. P. **Ecologia**. São Paulo. Ed. Pioneira/MEC, 1975.

PASSOS, M. M. dos. **A construção da paisagem no Mato Grosso: Brasil**. Maringá/Presidente Prudente: UEM/UNESP, 2000.

PASSOS, M. M. dos. **Biogeografia e Paisagem**. Presidente Prudente. PMG, 1998.

_____, **Amazônia: Teledeteção e Colonização**. São Paulo: Edunesp, 1998.

PINTO, M. N. (Org) **Cerrado: Caracterização, ocupação e perspectivas**. 2ª ed. Brasília, UNB, 1993.

RADAMBRASIL. **Fitogeografia Brasileira: Classificação Fisionômica ecológica da Vegetação Neotropical**. Boletim Técnico. Salvador, 1982.

RIZZINI, C. T. **Tratado de Fitogeografia do Brasil**. São Paulo. HUCITEC/EDUSP, 1976, v.1-2.

BENNEMANN, S.T. *et. al.* 2002. Diversidade e distribuição de peixes na bacia do rio Tibagi. In **A bacia do rio Tibagi** (M.E. Medri, E. Bianchini, O.A. Shibatta & J. A. Pimenta, Eds.). Londrina, p. 403-423.

SURTEGARAY, D. M. **EIA RIMA: Estudo de impacto ambiental**. Porto Alegre. Metrópole, 1993.

TROPPEMAIR, Helmut. **Biogeografia e Meio Ambiente**. 5ª ed. Rio Claro: Divisa, 2002

DISCIPLINA:	ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO MUNDIAL		
C/H TOTAL:	144		
C/H TEÓRICA:144	C/H PRÁTICA:	C/H EXTENSÃO:	C/H SEMIPRESENCIAL:
EMENTA: Organização espacial da sociedade no contexto geográfico mundial. Caracterização dos continentes nos mais diversos aspectos, levando em conta sua formação econômica, social, política, na ocupação e criação dos espaços.			
REFERÊNCIAS			
ALVES, J. F. A invasão cultural norte-americana . São Paulo: ED. Moderna,1998.			
ANDRADE, M. C. Imperialismo e fragmentação do espaço . São Paulo: ED. Contexto, 1988.			
ARBEX JÚNIOR, J Guerra fria: terror de estado, política e cultura . São Paulo: ED. Moderna, 1996.			

ARBEX JÚNIOR, J. **Revolução em três tempos**: URSS, Alemanha, China. São Paulo: ED. Moderna, 1993.

ARBEX JÚNIOR, J. **Outra América**: apogeu, crise e decadência dos Estados Unidos. São Paulo: ED. Moderna, 1993.

BENKO, G. **Economia Espaço e Globalização**: na aurora do século XXI. São Paulo: ED. Hucitec, 1999.

CÂNEDO, L. B. **A descolonização da Ásia e da África**. São Paulo: ED. Atual, 4ª Ed., 1986.

CHACON, V. **O Mercosul**: a integração econômica da América Latina. São Paulo: ED. Scipione, 1996.

GEGER, P. P. & DAVIDOVICH, F. **Geografia e Atlas ilustrado**: delta povos, países e civilizações. Rio de Janeiro: ED. Delta, 1965.

IANNI, O. **Teorias da Globalização**. Rio de Janeiro: ED. Civilização Brasileira, 1999.

JURANDY, L. & Ross, Sanches (Org). **Geografia do Brasil**. São Paulo: ED. Universidade de São Paulo, 1998.

LACOST, Y. **Os países subdesenvolvidos**. São Paulo: ED. Contexto, 1990.

MAGNOLI, D. **Globalização: Estado nacional e o espaço mundial**. São Paulo: Ed. Moderna, 1997.

MAGNOLI, D.; ARBEX, J. & OLIC, N.B. **Panorama do mudo**. São Paulo: Ed. Scipione, 1996.

MAGNOLI, D. **União Europeia: História e Geografia**. São Paulo: ED. Moderna, 1996.

MARTINEZ, P. **Multinacionais: desenvolvimento ou exploração?** São pulo: ED. Moderna, 1993.

OLIC, N.B. **Geopolítica da América Latina**. São Paulo: ED. Moderna, 1992.

SINGER, P. **O capitalismo**: Sua evolução, sua lógica e sua dinâmica. São Paulo: ED. Moderna, 1987.

SMITH, N. **Desenvolvimento Desigual**. São Paulo: ED. Bertrand, 1998.

VIGEVANT, T. **Terceiro Mundo**: conceito e história. São Paulo: ED: Ática, 1990.

WHITAKER, D. **Escolha da carreira globalizada**. São Paulo: ED. Moderna, 1997.

DISCIPLINA:	ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO EM GEOGRAFIA II		
C/H TOTAL:	212		
C/H TEÓRICA: 36	C/H PRÁTICA: 140	C/H EXTENSÃO: 36	C/H SEMIPRESENCIAL:
EMENTA:			
No Estágio Supervisionado em Geografia II, o acadêmico aprofundará as discussões teóricas e metodológicas sobre as práticas pedagógicas desenvolvidas, respeitando a realidade escolar vivenciada, através de Projetos de Ensino e Pesquisa.			
REFERÊNCIAS:			
ANDRÉ, M. (org.). O papel da pesquisa na formação e na prática dos pro- fessores . Campinas: Papyrus, 2005.			
CACETE, N.H; PAGANELLI, T.I; PONTUSCHKA, N.N; Para ensinar e apren- der Geografia . São Paulo: Cortez, 2007.			
FAVERO, M. L. Universidade e estágio curricular : subsídios para discussão. In: ALVES, A. (org.). Formação de professores: pensar e fazer . São Paulo: Cortez, 2006. p. 53-71.			
FREITAS, H. C. L. O trabalho como princípio articulador na prática de ensi- no e nos estágios . Campinas: Papyrus, 1996.			

MORAIS, E. M.B; MORAES, L.B. (org.). **Formação de professores: conteúdos e metodologias no ensino de geografia.** Goiânia: NEPEG, E.V, 2010.
OLIVEIRA, I. A. **Filosofia da educação: reflexões e debates.** Petrópolis: Vozes, 2006.
PASSINI, E. Y. **Prática de ensino de Geografia e estágio supervisionado.** São Paulo: Contexto, 2007.
PICONEZ, S. C. B. A prática de ensino e o estágio supervisionado: a aproximação da realidade escolar e a prática da reflexão. In: PICONEZ, S. C. B. (coord.). **A prática de ensino e o estágio supervisionado.** Campinas: Papyrus, 1991.
THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação.** São Paulo: Cortez, Autores Associados, 2002.

DISCIPLINA:	PRÁTICA CURRICULAR IV		
C/H TOTAL:	108		
C/H TEÓRICA:	C/H PRÁTICA:	C/H EXTENSÃO:	C/H SEMIPRESENCIAL:
36	36	36	
<p>EMENTA: Diferentes enfoques teórico-metodológicos da Geografia aproximando as teorias e práticas pedagógicas. Linguagens e metodologias voltadas ao processo de ensino e aprendizagem da Geografia.</p> <p>REFERÊNCIAS:</p> <p>CASTELLAR, S.; VILHENA, J. Ensino de Geografia. São Paulo: Editora, CENGAGE Learning, 2010. CALLAI, H. C. <i>et. al.</i> Geografia em sala de aula: Práticas e reflexões. Porto Alegre: Editora UFRGS, 4ª Ed., 2003. CASTROGIOVANNI, A. C.; COSTELLA, R. Z. Brincar e Cartografar com os diferentes mundos geográficos: A alfabetização Espacial. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2007. CASTROGIOVANNI, A. C.; CALLAI, H. C.; KAERCHER, N. A. Ensino de Geografia: Práticas e textualizações no cotidiano. Porto Alegre: Editora Mediação, 21ª Ed., 2014. FRESCA, T. M. Em defesa dos estudos das pequenas cidades no ensino de Geografia. 27Geografia, Londrina, v. 10, n. 1, p. 27-34, jan./jun. 2001. Disponível em:<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/geografia/article/viewFile/10212/9028>. Acesso em 10 mar. 2012. GASPARIN, J. L. Uma didática para a pedagogia Histórico-Crítica. Campinas: Editora Autores Associados. 2003. PONTUSCHKA, N. N.; PAGENELLI, T. I.; CACETE, N. H. Para ensinar e aprender Geografia. São Paulo: Cortez Editora, 2009. PARANÁ, Secretaria de Estado de Educação do Paraná. Diretrizes Curriculares da Educação Básica - Geografia. Paraná. Jam 3 Comunicação, 2008.</p> <p>Complementar:</p> <p>CANO, M. R. de O. A reflexão e a prática no ensino: Geografia, São Paulo: Editora Blucher, 2007. ANDUJAR, P. V. <i>et. al.</i> Projetos geográficos na construção do ensino de Geografia: em busca de uma nova prática pedagógica na escola. São Francisco Pará de Minas, MG, Editora Virtual Books, 2014. CASTROGIOVANNI, A. C.; KAERCHER, N. A.; REGO, N.; Geografia: Práticas Pedagógicas para o ensino médio. São Paulo: Editora Artmed, 2007.</p>			

Filmes

AQUARIUS. Direção: Kleber Mendonça Filho, Drama suspense. (145 min.), **Brasil- França**, 2016.
ADEUS Lenin. Direção: Wolfgang Becker, Drama Comédia (121 min.), Europa, 2003.

DISCIPLINA:	LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS - LIBRAS		
C/H TOTAL:	72		
C/H TEÓRICA: 72	C/H PRÁTICA:	C/H EXTENSÃO:	C/H SEMIPRESENCIAL:
<p>EMENTA: Diferentes enfoques teórico-metodológicos da Geografia aproximando as teorias e práticas pedagógicas. Linguagens e metodologias voltadas ao processo de ensino e aprendizagem da Geografia.</p> <p>REFERÊNCIAS:</p> <p>BRASIL. Lei 9304, de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: MEC. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm.</p> <p>CARVALHO, R. E. Removendo barreiras para a aprendizagem: educação inclusiva. Porto Alegre: Mediação, 2000.</p> <p>FERNANDES, E. Problemas Linguísticos e Cognitivos do Surdo. Rio de Janeiro: Agir, 1990.</p> <p>FERREIRA-BRITO, L. Por uma gramática de Línguas de Sinais. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.</p> <p>GESSER, A. LIBRAS? Que língua é essa? São Paulo: Parábola, 2009.</p> <p>KARNOPP, L. B.; QUADROS, R.M. Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.</p> <p>PERLIN, G. Surdos: cultura e pedagogia. A invenção da surdez II. Org. Adriana da Silva Thoma, Maura Corcini Lopes. Edunisc: Santa Cruz. 2006.</p> <p>PIMENTA, N.; QUADROS, R. M. de. Curso de Libras 1. Rio de Janeiro: LIBRAS Vídeo, 2006.</p> <p>QUADROS, R de. Educação de Surdo: A Aquisição da Linguagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.</p> <p>STROBEL, K. História da Educação de Surdos. Caderno de Estudos do Curso de educação à distância Licenciatura Letras/LIBRAS. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2008.</p> <p>Complementar:</p> <p>CANO, M. R. de O. A reflexão e a prática no ensino: Geografia, São Paulo: Editora Blucher, 2007.</p> <p>ANDUJAR, P. V. et. al. Projetos geográficos na construção do ensino de Geografia: em busca de uma nova prática pedagógica na escola. São Francisco Pará de Minas, MG, Editora Virtual Books, 2014.</p> <p>CASTROGIOVANNI, A. C.; KAERCHER, N. A.; REGO, N. Geografia: Práticas Pedagógicas para o ensino médio. São Paulo: Editora Artmed, 2007.</p> <p>Filmes</p> <p>AQUARIUS. Direção: Kleber Mendonça Filho, Drama suspense. (145 min.), Brasil- França, 2016.</p> <p>Babel. Direção: Alejandro González Iñárritu. Drama suspense. (145min.), EUA, México, França, 2007.</p>			

7- EMENTÁRIO DE DISCIPLINAS OPTATIVAS

DISCIPLINA: OPTATIVA	REDE URBANA		
C/H TOTAL:	30		
C/H TEÓRICA: 30	C/H PRÁTICA:	C/H EXTENSÃO:	C/H SEMIPRESENCIAL:
EMENTA:			
Redes na Geografia; Teoria da localidades centrais: a pioneira e a adaptada para atualidade; rede urbana brasileira: redes regionais.			
REFERÊNCIAS			
<p>CORRÊA, R. L. A rede de localidades centrais, nos países subdesenvolvidos. Revista Brasileira de Geografia, Rio de Janeiro, v. 50, n. 1, p. 61-83, jan/mar. 1988.</p> <p>CORRÊA, R. L. O estudo de rede urbana: uma proposição metodológica. Revista Brasileira de Geografia, Rio de Janeiro, v. 50, n. 2, p. 107-124, abr./jun. 1988a.</p> <p>CORRÊA, R. L. A rede Urbana. São Paulo: Editora Ática, 1994</p> <p>CORRÊA, R. L. Estudos sobre a rede urbana. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.</p> <p>ENDLICH, Â. M. Maringá e a rede urbana regional: conteúdo urbano e concentração demográfica. Acta Scientiarum, Maringá, n° 21, 1999, p.897-907. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciTechnol/article/view/3089>. Acesso em: 18 mar. 2013.</p> <p>FRESCA, T. M. Transformações na rede urbana do Norte do Paraná: Estudo comparativo de três centros. 2000, 436f. Tese (Doutorado)-Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.</p> <p>FRESCA, T. M. A rede urbana do Norte do Paraná. Londrina: Eduel, 2004.</p> <p>FRESCA, T. M. Industrialização recente da rede urbana do Norte do Paraná: cidades especializadas em produções industriais e transferência industrial. Boletim de Geografia. Maringá, ed. UEM. Ano 24, n.1, p. 129-146, 2006.</p> <p>FRESCA, T. M. A estruturação da rede urbana do Norte do Paraná. In: FRESCA, T.M.; CARVALHO, M.S. (Org.). Geografia e o norte do Paraná: um resgate histórico. Londrina: Edições Humanidades. v. 2, p.201-250, 2007.</p> <p>GEIGER, P. P. Evolução da rede urbana brasileira. Rio de Janeiro: Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais. 1963.</p> <p>PADIS, P. C. Formação de uma Economia Periférica: O caso do Paraná. São Paulo: Hucitec. 1981.</p> <p>SANTOS, M. A urbanização brasileira. São Paulo: Hucitec, 1994.</p> <p>KELLER, E. C. de S. Redes urbanas. In: IBGE. Geografia do Brasil: Grande Região Sul. Rio de Janeiro: IBGE. V. 4 t.2, 1968, p. 298-340.</p> <p>SPOSITO, M. E. Capitalismo e Urbanização. São Paulo, Contexto, 1991, p. 11-29.</p> <p>SPOSITO, M. E. B. (org.). Cidades médias: espaços em transição. São Paulo: Expressão Popular, 2007. SPOSITO, M. E. B. (org.). Urbanização e cidades: perspectivas geográficas. Presidente Prudente: [s.n.], 2001.</p>			

DISCIPLINA: OPTATIVA	INICIAÇÃO A ASTRONOMIA		
C/H TOTAL:	30		
C/H TEÓRICA: 30	C/H PRÁTICA:	C/H SEMIPRESENCIAL:	
<p>EMENTA:</p> <p>Astronomia e sua importância na Geografia; Via Láctea; Sistema solar e suas particularidades; O sol uma estrela de 5ª grandeza; Os planetas; Lua, suas fases, eclipses e influência na Terra; Terra seus movimentos e consequências.</p>			
<p>REFERÊNCIAS</p> <p>BOCZKO, R. Conceitos de astronomia. São Paulo: Edgar Blucher, c1984.</p> <p>FARIA, R.P. 2003. Fundamentos de Astronomia. Ed. Papyrus, 7ª ed. 212 p. 3- MEDICI, R.N. 1989.</p> <p>FERREIRA, M.; ALMEIDA, G. Introdução à Astronomia e às observações astronômicas. 7ª ed. Lisboa: Plátano Editora, 2004.</p> <p>GONZATTI, S. E. M. Um Curso Introdutório à Astronomia para a Formação Inicial de Professores de Ensino Fundamental, em nível médio. 2008. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de Física) - Instituto de Física. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.</p> <p>LANGHI, R.; NARDI, R. Dificuldades interpretadas nos discursos de professores dos anos iniciais do ensino fundamental em relação ao ensino da astronomia. Revista Latino-Americana de Educação em Astronomia – RELEA. São Paulo, n.2, p. 75-92. Jun.2005.</p> <p>LANGHI, R.; NARDI, R. Ensino de astronomia: erros conceituais mais comuns presentes em livros didáticos de ciências. Caderno Brasileiro de Ensino Física. Florianópolis. v. 24, n.1, p. 87-111, abr. 2007.</p> <p>LEITE, C.; HOSOUME, Y. Os professores de ciências e suas formas de pensar a astronomia. Revista Latino-Americana de Educação em Astronomia – RELEA. São Paulo, n.4, p.47- 68. 2007.</p> <p>OLIVEIRA F.; KEPLER S. E. SARAIVA, M. de F. Astronomia e Astrofísica. O livro 2ª ed. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2004.</p> <p>OLIVEIRA F. KEPLER S., SARAIVA, M. de F. Astronomia e Astrofísica. <Disponível em http://astro.if.ufrgs.br/.> Acesso em maio 2018.</p>			

DISCIPLINA: OPTATIVA	BIOGEOGRAFIA AMBIENTAL		
C/H TOTAL:	30		
C/H TEÓRICA: 20	C/H PRÁTICA: 10	C/H EXTENSÃO:	C/H SEMIPRESENCIAL:
<p>EMENTA: Conhecer e registrar a distribuição das espécies no espaço geográfico, revela a composição e a sistemática na biogeografia regional. As alterações ambientais, provocadas pela intensificação do processo de produção, evidenciam a preocupação e o compromisso em demonstrar os aspectos da estrutura biogeográfica e as possíveis soluções na dinâmica convivência socioambiental.</p> <p>REFERÊNCIAS:</p> <p>ABUABARA, M. A. P.; JUNIOR, M. P. Estimativas da Abundância de Populações Animais: introdução às técnicas de Captura-recaptura. Maringá: Aduem, 1997.</p> <p>AGOSTINHO, A. A. <i>et. al.</i> (Orgs.) Biocenoses em Reservatórios: Padrões espaciais e temporais. Maringá: RIMA, 2005.</p> <p>AGOSTINHO, A. A.; GOMES, L. C.; PELICICE, F. M. Ecologia e Manejo de Recursos Pesqueiros em Reservatórios do Brasil. Maringá: Eduem, 2007.</p> <p>ALMEIDA, J. R. de; ARAUJO, G.H. de S.; GUERRA, A. J. T. Gestão Ambiental de Áreas Degradadas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.</p> <p>BAPTISTA, D. F.; MUGNAI, R.; NESSIMIAN, J. L. Macroinvertebrados Aquáticos do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: TECHNICAL BOOKS Editora, 2010.</p> <p>BENEDITO, E. (Org.). Ecologia do Ribeirão Diamante: Estação Ecológica do Caiuá, Maringá: Eduem, 2009.</p> <p>BRASIL. O Desafio do Desenvolvimento Sustentável: relatório do Brasil para a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento. Brasília: Cima, 1991.</p> <p>CUNHA, S. B. da; GUERRA, A. J. T. (Orgs) A Questão Ambiental: diferentes abordagens. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.</p> <p>EIRAS, J. C.; PAVANELLI, G. C.; TAKEMOTO, R. M. Doenças de Peixes: profilaxia, diagnóstico e tratamento. Maringá: Eduem, 1998.</p> <p>FIGEUIRÓ, A. S. Biogeografia: dinâmicas e transformações da natureza. São Paulo: Oficina de Textos, 2015.</p> <p>GRAÇA, W. J. da; PAVANELLI, C. S. Peixes da Planície de Inundação do Alto Rio Paraná e Áreas Adjacentes. Maringá, 2007.</p> <p>LADLE, R. J.; WHITTAKER, R. J. Biogeografia e Preservação Ambiental. São Paulo: Andrei Editora, 2014.</p> <p>MENEZES, S. O.; NETO, R. M.; TORRES, F. T. P. Introdução à Geomorfologia. São Paulo: Cengage Learning Editora, 2012.</p> <p>PASSOS, M. M. dos; Biogeografia e Paisagem. Editora: Maringá, 2003.</p> <p>PRIMACK, R. B.; RODRIGUES, E. Biologia da Conservação. Londrina: Editora Planta, 2001.</p> <p>TROPPEMAIR, H. Biogeografia e Meio Ambiente. 5 Ed. Rio Claro: Divisa Editora, 2002.</p>			

DISCIPLINA: OPTATIVA	NOCÕES DE LEGISLAÇÃO AMBIENTAL BRASILEIRA		
C/H TOTAL:	30		
C/H TEÓRICA: 30	C/H PRÁTICA:	C/H EXTENSÃO:	C/H SEMIPRESENCIAL:
<p>EMENTA:</p> <p>A legislação ambiental brasileira como instrumento aplicativo da política Nacional do Meio ambiente, fundamenta-se na constituição do SISNAMA que representa o alicerce de conservação, proteção do equilíbrio ecológico e social de maneira a assegurar o uso dos recursos naturais, harmonizando a relação sociedade e natureza para estabelecer padrões de qualidade de vida ambiental.</p> <p>REFERÊNCIAS:</p> <p>ALMEIDA, J. R. de; ARAUJO, G.H. de S.; GUERRA, A. J. T. Gestão Ambiental de Áreas Degradadas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.</p> <p>BRASIL. O Desafio do Desenvolvimento Sustentável: relatório do Brasil para a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento. Brasília: Cima, 1991.</p> <p>CUNHA, S. B. da; GUERRA, A. J. T. (Orgs) A Questão Ambiental: diferentes abordagens. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.</p> <p>DIAS, G. F. Educação Ambiental: princípios e práticas. 5ªEd. São Paulo: Editora Gaia, 1998</p> <p>FIGEUIRÓ, A. S. Biogeografia: dinâmicas e transformações da natureza. São Paulo: Oficina de Textos, 2015.</p> <p>GRUN, M. Ética e Educação Ambiental: a conexão necessária. Campinas – SP. Papyrus, 1996.</p> <p>IBGE. Geografia e Questão Ambiental. Rio de Janeiro: FIBGE, 1993.</p> <p>LADLE, R. J.; WHITTAKER, R. J. Biogeografia e Preservação Ambiental. São Paulo: Andrei Editora, 2014.</p> <p>BENJAMIN, A. H. V.; MILARÉ, E. Estudo Prévio de Impacto Ambiental: Teoria, Prática e Legislação. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1993.</p> <p>MINISTERIO DO MEIO AMBIENTE. Lei da Vida: a Lei dos Crimes Ambientais. Brasília: IBAMA, 2003.</p> <p>MONTEIRO, C. A. de F. A Questão Ambiental no Brasil: (1960 – 1980). São Paulo: Instituto de Geografia da USP, 1981.</p> <p>PRIMACK, R. B.; RODRIGUES, E. Biologia da Conservação. Londrina: Editora Planta, 2001.</p> <p>SÃO PAULO, Parque Estadual Morro do Diabo: Plano de Manejo. Teodoro Sampaio: Editora Viena, 2006.</p>			

DISCIPLINA:	FENÔMENOS MISTOS, DESASTRES E VULNERABILIDADE SOCIOAMBIENTAL		
C/H TOTAL:	30		
C/H TEÓRICA: 20	C/H PRÁTICA: 10	C/H EXTENSÃO:	C/H SEMIPRESENCIAL:
<p>EMENTA:</p> <p>Conceitos vulnerabilidade, suscetibilidade, perigo e risco. Desastres Naturais e mistos. Características socioambientais que acentuam a vulnerabilidade do ambiente. Importância do mapeamento das áreas de suscetibilidade ao risco.</p>			
<p>REFERÊNCIAS:</p> <p>GIVISIEZ, G. H. N.; OLIVEIRA, E. L. Risco e vulnerabilidade social a desastres naturais no Brasil: proposta de um arcabouço para indicadores multiescalares. In: Anais do XVII Simpósio Brasileiro de Geografia Física Aplicada. I Congresso Nacional de Geografia Física. Campinas: Unicamp, 2017, 4107-4118pp. Disponível em: <file:///C:/Users/Fernando/Downloads/2564-Texto%20do%20artigo-11469-1-10-20171005%20(1).pdf>. Acesso em: 29/05/2018.</p> <p>KOBIYAMA, M. Prevenção de Desastres Naturais: conceitos Básicos. Organic Trading, Curitiba. 2006.</p> <p>MATA-LIMA, H; ALVINO-BORBA, A.; PINHEIRO, A., MATA-LIMA, A.; ALMEIDA, J. A. Impactos dos desastres naturais nos sistemas ambiental e socioeconômico: o que faz a diferença?. Ambiente & Sociedade. São Paulo: v. XVI, n. 3 jul.-set. 2013, p. 45-64.</p> <p>SANTOS, R. F. (Org.). Vulnerabilidade Ambiental: desastres naturais ou fenômenos induzidos?. Brasília: MMA, 2007. 192p.</p> <p>TOMINAGA, Lídia Keiko; SANTORO, Jair; AMARAL, Rosângela do. Desastres naturais: conhecer para prevenir. São Paulo: Instituto Geológico, 2009, 196p. Disponível em: http://www.igeologico.sp.gov.br/downloads/livros/DesastresNaturais.pdf. Acesso em: 6/4/2018.</p> <p>UNISDR. Terminología sobre reducción el riesgo de desastres. Estrategia Internacional para La Reducción de Desastres de Las Naciones Unidas (UNISDR). Ginebra, Suiza, 2009, 38p. Disponível em: <https://www.unisdr.org>. Acesso em: 6/4/2018.</p> <p>VESTANA, L. R. Desnaturalização dos desastres: vulnerabilidade socioambiental e proposições metodológicas à sensibilização. Guarapuava: UAB - Unicentro, 2016. Ebook.</p>			

DISCIPLINA:	GEODIVERSIDADE E GEOCONSERVAÇÃO		
C/H TOTAL:	30		
C/H TEÓRICA: 20	C/H PRÁTICA: 10	C/H EXTENSÃO:	C/H SEMIPRESENCIAL:
EMENTA: Patrimônio geológico e geoconservação. Interação entre geodiversidade E geoconservação. Geoparques e geoturismo. Uso sustentável de geossítios. Inventário do geopatrimônio.			
<p>REFERÊNCIA:</p> <p>BRILHA, J.B.R. Patrimônio geológico e geoconservação: a conservação da natureza na sua vertente geológica. Lisboa: Editora Palimage, 2005, 189p. Disponível em: http://www.dct.uminho.pt/docentes/pdfs/jb_livro.pdf. Acesso em 29/05/2018.</p> <p>COMPANHIA DE PESQUISA EM RECURSOS MINERAIS-CPRM. Serviço Geológico do Brasil. Projeto Geoparques. 2005. Disponível em: http://www.cprm.gov.br/publique/media/geologia_ambiental-06.pdf. Acesso em: 29/05/2018.</p> <p>GRAY, M. Geodiversity: valuing and conserving abiotic nature. Chichester, John Wiley & Sons, 2004, 434p.</p> <p>NASCIMENTO, M. A. L.; RUCHKYS, U. A.; MANTESSO-NETO, V. Geodiversidade, Geoconservação e Geoturismo: trinômio importante para a proteção do patrimônio geológico. São Paulo: Sociedade Brasileira de Geologia. 2008, 82p.</p> <p>SCHOBENHAUS, C.; SILVA, C.R. (Org.). Geoparques do Brasil: propostas. Rio de Janeiro: Serviço Geológico do Brasil (CPRM), 2012, vol. 1, 748p.</p> <p>SCHOBENHAUS, C. Geoparques e geossítios do Brasil: estratégias e diagnóstico do potencial para geoturismo e geoconservação. Rio de Janeiro: CPRM, 2006.</p> <p>WINGE, M. (Ed.) et al. Sítios Geológicos e Paleontológicos do Brasil. Brasília: CPRM, 2009, v. 2, 515 p. il. color.</p>			

DISCIPLINA:	FUNDAMENTOS DE PALEONTOLOGIA		
C/H TOTAL:	30		
C/H TEÓRICA: 20	C/H PRÁTICA: 10	C/H EXTENSÃO:	C/H SEMIPRESENCIAL:
EMENTA: Fósseis e Icnofósseis. Processos de fossilização e natureza do registro Fossilífero. Noções de estratigrafia e bacias sedimentares brasileiras. Métodos de datação. Períodos e prováveis causas da extinção dos grupos fósseis.			
<p>BIBLIOGRAFIA</p> <p>ALMEIDA, L.F.; ZUCON, M.H.; SOUZA, J.F.; REIS, V.S.; VIEIRA, F. S. Ensino de Paleontologia: uma abordagem não-formal no Laboratório de Paleontologia da Universidade Federal de Sergipe. TERRA e DIDÁTICA 10:14-21, 2013. Disponível em: https://www.ige.unicamp.br/terraedidatica/v10_1/PDF10_1/Tdv10-74-leonardo.pdf. Acesso em: 29/05/2018.</p> <p>CARVALHO, I. S. Paleontologia: conceitos e métodos. Vol. 1, editor. 3 ed. Rio de Janeiro: Interciência, 2010.</p> <p>GROTZINGER, J. ; JORDAN, T. Para entender a Terra. 6. Ed., Porto Alegre: Bookman, 2013, 738p.</p> <p>LABOURIAU, M. J. S. História Ecológica da Terra. São Paulo: Editora Edgard Blücher Ltda, 1994, 307p.</p>			

DISCIPLINA:	USO E MANEJO DOS RECURSOS DA NATUREZA		
C/H TOTAL:	30		
C/H TEÓRICA: 20	C/H PRÁTICA: 10	C/H EXTENSÃO: -	C/H SEMIPRESENCIAL: -
EMENTA: Condições de uso e formas de degradação dos recursos da natureza; noções de legislação ambiental. O manejo da atividade e dos recursos. Uso da Biodiversidade. Aspectos sociais, econômicos, ecológicos, culturais e políticos do manejo. Aspectos institucionais da exploração de recursos naturais renováveis no Brasil e no Paraná. A gestão da água, do solo, da fauna e da flora.			
REFERÊNCIAS:			
<p>CONFERÊNCIA DAS NAÇÕES UNIDAS SOBRE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO <u>Agenda 21</u>. Curitiba: IPARDES, 2001. 260p.</p> <p>COOPER, C., FLETCHER, J., WANHILL, S., GILBERT, D. e SHEPHERD, R. Turismo: princípios e prática. São Paulo: Artmed, 1998.</p> <p>DAVIS, M. Ecologia do medo. Rio de Janeiro: Record, 2001. 473p.</p> <p>DIAS, G. F. Educação ambiental: princípios e práticas. 5. ed. São Paulo: Gaia, 1990. 0.205.</p> <p>_____. Pegada ecológica e sustentabilidade humana. São Paulo: Gaia, 2002. 257p.</p> <p>EMBRAPA – EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA Atlas do meio ambiente do Brasil. Brasília, DF: Embrapa, 1996. 160p.</p> <p>GUERRA, A. J. T. e CUNHA, S. B. (Orgs.) Impactos ambientais urbanos no Brasil. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001. 416p.</p> <p>LOMBARDO, M. A. Ilha de calor nas metrópoles: o exemplo de São Paulo. São Paulo: Hucitec, 1985. 244p.</p> <p>MARINGÁ - COMISSÃO DE ACESSORAMENTO PARA FUNDOS DE VALE (Orgs.: Jorge Guerra Villalobos, Valter Tadeu Dubiela, Edson Ikeda, Martina Unterberger, Reinaldo Barbosa). Leis ambientais federais e cidadania. Maringá: Administração do Governo Popular de Maringá, 2002. 172p.</p> <p>MARTINE, G. (org.) População, meio ambiente e desenvolvimento: verdades e contradições. Campinas, SP: Unicamp, 1993. 207p.</p> <p>MONTEIRO, C. A. de F. e MENDONÇA, F. (Orgs.) Clima Urbano. São Paulo: Contexto, 2003. 192p.</p> <p>PAIVA, M. P. Conservação da fauna brasileira. Rio de Janeiro: Interciência, 1999.</p> <p>PARANÁ. Coletânea de legislação ambiental federal e estadual. (Compilação: Geraldo Luiz Farias e Márcia Cristina Lima). Curitiba: Secretaria de Estado do Desenvolvimento Urbano e do Meio Ambiente/Coord. Est. e Defesa do Meio Ambiente, 1991. 536 p.</p> <p>RENTAS – REDE NACIONAL DE COMBATE AO TRÁFICO DE ANIMAIS SILVESTRES Animais silvestres: vida à venda. Brasília, DF: Dupligráfica, 2ª ed., 2003. 260p.</p> <p>RIO, V. del e OLIVEIRA, L. de (Orgs.) Percepção ambiental: a experiência brasileira. 2. ed. São Paulo: Studio Nobel, 1999. 265p.</p> <p>SANT'ANNA NETO, J. L. (Org.) Os climas das cidades brasileiras. Presidente Prudente, SP: Unesp, 2002. 227p.</p> <p>SANT'ANNA NETO, J. L. e ZAVATINI, J. A. (orgs.) Variabilidade e mudanças climáticas: implicações ambientais e socioeconômicas. Maringá, PR: Eduem, 2000. 259p.</p> <p>STIPP, N. A. F. (org.) Análise ambiental - usinas hidrelétricas: uma visão multidisciplinar. Nema - Núcleo de Estudos do Meio Ambiente. Londrina, PR: UEL:Nema, 1999. 94p.</p> <p>TEIXEIRA, W, TOLEDO, M. C. M. de, FAIRCHILD, T. R. e TAIOLI, F. (org.) Decifrando a Terra. São Paulo: Oficina de Textos, 2000. 568p.</p> <p>THE OPEN UNIVERSITY (Org.: Geoff Brown et al.) Os recursos físicos da terra - Bloco 1 - recursos, economia e geologia: uma introdução. Campinas, SP: Unicamp, 1994. 108p.</p>			

THE OPEN UNIVERSITY (Org.: Geoff Brown et al.) **Os recursos físicos da terra – Bloco 4 Parte 1 – recursos hídricos.** Campinas, SP: Unicamp, 2000. 146p.

DISCIPLINA:	INICIAÇÃO À PESQUISA GEOGRÁFICA II		
C/H TOTAL:	30		
C/H TEÓRICA: 20	C/H PRÁTICA: 10	C/H EXTENSÃO: -	C/H SEMIPRESENCIAL: -
<p>EMENTA: A orientação e a execução de projetos de pesquisa bem como a análise e produção de artigos e publicações científicas, auxiliam na prática efetiva dos métodos e técnicas apreendidos conceitualmente dentro do escopo da investigação geográfica.</p> <p>A concentração de atividades práticas, considerando a diversidade de organização das ciências e das necessidades básicas disciplinares da geografia, também se revela fundamental neste processo.</p>			
<p>REFERÊNCIAS:</p> <p>ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 6023. Informação e documentação – Referências – Elaboração. Imprensa Nacional, 2002.</p> <p>ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR. 10520. Informação e documentação – Citações em Documentos – Apresentação, Imprensa Nacional, 2002.</p> <p>CORNELSEN, J. M.; MULLER, M. S. Normas e Padrões para Teses, Dissertações e Monografias. Londrina: EDUEL, 1995.</p> <p>CURTY, M. G. Apresentação de trabalhos acadêmicos, dissertações e teses: (NBR 14724/2005). 2 ed. Maringá: Dental Press, 2006.</p> <p>CHAGAS, A.T.R. Questionário na pesquisa científica. Administração online – prática, pesquisa, ensino, v. 1, n. 1, p. 1-13, jan/mar, 2000. Disponível em: www.fecap.br/adm_online/art11/anival.htm.</p> <p>DEMO, Pedro. Pesquisa e Construção do Conhecimento: metodologia científica no caminho de Habermas. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2000.</p> <p>GIL, Antonio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. São Paulo: Atlas, 1987.</p> <p>LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. Fundamentos de metodologia científica. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.</p> <p>PESSÔA, Vera L. S. Geografia e Pesquisa Qualitativa: um olhar sobre o processo investigativo. <i>Geo UERJ</i>, Rio de Janeiro, ano 14, v. 1, n. 23, p. 4-18, 1. Sem. 2012.</p>			

8. DESCRIÇÃO DA PESQUISA E EXTENSÃO NO CURSO DE GRADUAÇÃO

8.1 – PROGRAMA E PROJETO DE PESQUISA

O Programa de Iniciação a Pesquisa - PIC visa encaminhar graduandos em projetos de pesquisa sendo orientados por um professor orientador vinculado a um Grupo de Pesquisa. O acadêmico passa a realizar atividades ligadas a pesquisa em horário diferente das aulas do curso de graduação e, assim, desenvolve conhecimento científico através de projetos que contemplam

raciocínio crítico com trabalho de gabinete podendo também ser de laboratório, pesquisa de campo entre outros, sempre considerando metodologias científicas. O PIC envolve o orientando no mundo da pesquisa com a participação em eventos científicos através de publicações e apresentações do resultado de suas pesquisas. A formação de acadêmicos com participação no PIC incentiva os mesmos rumo à Pós Graduação de Mestrado e Doutorado. O aluno que participa do programa pode ser ou não contemplado com bolsa.

O CNPQ aponta os seguintes objetivos do programa PIC:

- Despertar vocação científica e incentivar novos talentos entre estudantes de graduação;
- Contribuir para reduzir o tempo médio de titulação de mestres e doutores;
- Contribuir para a formação científica de recursos humanos que se dedicarão a qualquer atividade profissional;
- Estimular uma maior articulação entre a graduação e pós-graduação;
- Contribuir para a formação de recursos humanos para a pesquisa;
- Contribuir para reduzir o tempo médio de permanência dos alunos na pós-graduação.
- Estimular pesquisadores produtivos a envolverem alunos de graduação nas atividades científica, tecnológica e artístico-cultural;
- Proporcionar ao bolsista, orientado por pesquisador qualificado, a aprendizagem de técnicas e métodos de pesquisa, bem como estimular o desenvolvimento do pensar cientificamente e da criatividade, decorrentes das condições criadas pelo confronto direto com os problemas de pesquisa; e
- Ampliar o acesso e a integração do estudante à cultura científica.

8.2 PROGRAMA E PROJETO DE EXTENSÃO

A Extensão Universitária compreende um conjunto de ações com o objetivo de viabilizar a participação de alunos regularmente matriculados em Projetos de Extensão, reforçando o conhecimento da teoria, incentivando a pesquisa e contribuindo para a melhoria de vida da população.

A Extensão funciona como elemento de articulação da universidade com a sociedade, convertendo-se em um agente capaz de elevar o nível cultural geral da sociedade e receber contribuição desta, pois este contato é que permite à Instituição elaborar novos saberes e testar os já elaborados.

Os professores podem desenvolver diferentes atividades extensionista através de projetos que podem estar vinculados:

- Programa de Bolsa de Extensão Universitária (PIBEX)
- Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID
- Programa Universidade sem Fronteiras
- Atividades vinculadas às disciplinas do curso de graduação em Geografia

8.2.1 PROGRAMA DE BOLSA DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA (PIBEX)

A Pró-Reitoria de Extensão e Cultura é o órgão responsável pelo incentivo e normatização das atividades de extensão, que implantou no ano de 2014 o A Extensão Universitária compreende um conjunto de ações com o objetivo de viabilizar a participação de alunos regularmente matriculados em Projetos de Extensão, reforçando o conhecimento da teoria, incentivando a pesquisa e contribuindo para a melhoria de vida da população.

8.2.2 PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSAS DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA – PIBID

Outro programa que a universidade tem como de extensão é o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID. Este programa faz uma ponte de ligação entre os acadêmicos dos cursos de licenciaturas e as escolas estaduais e municipais. Ocorre um intercâmbio entre a IES e as escolas públicas, nos quais, os acadêmicos são encaminhados as escolas através dos coordenadores da IES e supervisores (professores que estão nas escolas), e recebem orientação para desenvolver suas atividades de ensino nas escolas juntos aos estudantes. Assim, o objetivo do PIBID é uma tentativa de promover o aperfeiçoamento e a valorização da formação de professores para a educação básica.

Objetivos do Programa

- Incentivar a formação de docentes em nível superior para a educação básica;
- Contribuir para a valorização do magistério;

- Elevar a qualidade da formação inicial de professores nos cursos de licenciatura, promovendo a integração entre educação superior e educação básica;
- Inserir os graduandos no cotidiano de escolas da rede pública de educação, proporcionando-lhes oportunidades de criação e participação em experiências metodológicas, tecnológicas e práticas docentes de caráter inovador e interdisciplinar que busquem a superação de problemas identificados no processo de ensino-aprendizagem;
- Incentivar escolas públicas de educação básica, mobilizando seus professores como co-formadores dos futuros docentes e tornando-as protagonistas nos processos de formação inicial para o magistério; e
- Contribuir para a articulação entre teoria e prática necessárias à formação dos docentes, elevando a qualidade das ações acadêmicas nos cursos de licenciatura.

8. 2.3 UNIVERSIDADE SEM FRONTEIRAS

O Programa Universidade Sem Fronteiras, existe desde 2007 e foi desenvolvido pela SETI/PR. Tem por finalidade contribuir com o cumprimento da função social das Instituições de Ciência, Tecnologia e Ensino Superior do Estado do Paraná, por meio de parcerias com a sociedade civil organizada, visando à implementação de políticas públicas voltadas ao seu desenvolvimento socioeconômico e cultural.

8. 2.4 ATIVIDADES VINCULADAS ÀS DISCIPLINAS DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

8.2.4.1 METODOLOGIA ENSINO E APRENDIZAGEM NA EXTENSÃO

A concepção de metodologia de ensino e aprendizagem na qual se assenta a Licenciatura em Geografia tem como princípio básico a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. Segundo a (ANDES, 2003),

O princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão reflete um conceito de qualidade do trabalho acadêmico que favorece a aproximação entre universidade e sociedade, a auto-reflexão crítica, a emancipação teórica e prática dos estudantes e o significado social do trabalho acadêmico. A concretização deste princípio supõe a realização de projetos coletivos de trabalho que se referenciem na avaliação institucional, no planejamento das ações institucionais e na avaliação que leve em conta o interesse da maioria da sociedade (p.30).

Não se pode deixar de apontar o desafio de intensificar a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, o que ocorrerá por meio dos projetos de ensino. Esse desafio implica em traçar algumas perspectivas dentre as quais o desenvolvimento de projetos interdisciplinares no ensino.

A seguir, as disciplinas que irão contribuir para a implementação da carga horária destinada à Extensão:

Disciplinas com carga horária de Extensão

Disciplina	Carga horária destinada à Extensão
Cartografia	20
Prática Curricular II	10
Prática Curricular III	36
Prática Curricular IV	36
Metodologia e Aplicabilidade da Extensão	108
Estágio Supervisionado em Geografia I	36
Estágio Curricular Supervisionado em Geografia II	40
Cartografia Temática e Digital	10
Geoprocessamento Aplicado ao Ensino de Geografia	10
Geografia do Paraná	20
Total de Carga horária de Extensão	326

9.0 ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM GEOGRAFIA

O princípio básico da proposta de estágio é o da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. Deste modo, também se consideram inseparáveis as fases que compõem todo o processo de educação. Ao final das atividades de estágio, o licenciando deverá estar apto ao desenvolvimento de suas funções.

Por sua vez, espera-se que o trabalho desse futuro profissional da Geografia possa transformar, pelo ensino, a realidade da escola e dos sujeitos nela envolvidos, com vistas à formação de cidadãos autônomos, conscientes e comprometidos com a Ciência em geral, com a Geografia em particular e com a sociedade.

Esse princípio está de acordo com o artigo 22 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação, o qual dispõe que: “A educação básica tem por finalidade desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir

no trabalho e em estudos posteriores” (BRASIL, 1996), em consonância com a Lei Nº 11.788, de 25 de Setembro de 2008.

10. CORPO DOCENTE

COORDENADOR DO COLEGIADO DE CURSO				
Nome	Graduação (informar instituição e ano de conclusão)	Titulações (informar instituições e anos de conclusão): Especialização, Mestrado, Doutorado, Pós-Doutorado, incluindo as áreas de formação)	Carga horária semanal dedicada à Coordenação do Colegiado de Curso	Regime de Trabalho
José Antônio Demétrio	Graduação em Geografia (licenciatura) pela Faculdade Estadual de Educação, Ciências e Letras de Paranavaí – FAFIPA em 1992.	<p>Especialização: Área de Concentração: Análise Regional – Geografia do Estado do Paraná pela Universidade Estadual de Maringá, UEM, 1996.</p> <p>Especialização: Área de Concentração Geografia e Meio Ambiente pela Faculdade Estadual de Educação, Ciências e Letras de Paranavaí FAFIPA, 1997</p> <p>Mestrado em Geografia Área: Desenvolvimento Regional e Planejamento Ambiental pela Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita Filho - UNESP Presidente Prudente em 2000.</p> <p>Doutorado em Ciências Ambientais, Área: Ecologia de Ambientes Aquáticos Continentais pela Universidade Estadual de Maringá – UEM em 2010.</p>	20h	T40 TIDE

PROFESSORES EFETIVOS			
Nome do Docente	Graduação (informar instituição e ano de conclusão)	Titulações (informar instituições e anos de conclusão): Especialização, Mestrado, Doutorado, Pós-Doutorado, incluindo as áreas de formação)	Regime de Trabalho
Edilaine Valéria Destefani Cunha	Graduação em Geografia (licenciatura) pela Universidade Estadual de Maringá – UEM em 2000 e (bacharelado) em 2001	Mestrado em Geografia Área de Concentração Análise Ambiental pela Universidade Estadual de Maringá – UEM em 2005 Conclusão 2005 – UEM Doutoranda em Geografia Área de Concentração Análise Ambiental pela Universidade Estadual de Maringá - UEM Em andamento	T40 TIDE
Gilmar Aparecido Asalin	Graduação em Geografia (licenciatura) pela Universidade Estadual de Maringá – UEM em 1994	Mestrado em Geografia Área de Concentração Análise regional) pela Universidade Estadual de Maringá – UEM em 2008 Doutorado em Geografia área de Concentração Análise Regional pela Universidade Estadual de Maringá – UEM em 2015	T40

Virgílio Manuel Pereira Bernardino	Graduação em Geografia (licenciatura) pela Universidade estadual de Maringá – UEM em 1994	Mestrado em Geografia em Desenvolvimento Regional e Planejamento Ambiental pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP em 2000 Doutorado em Geografia em Análise Regional pela Universidade estadual de Maringá – UEM em 2015	T40 TIDE
Ênio Luiz Debarba	Graduação em Geografia pela Faculdade Estadual de Educação Ciências e Letras de Paranaíba - FAFIPA	Mestrado em Desenvolvimento Regional e Planejamento Ambiental pela Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita Filho – UNESP em 2001	T24
Marcelo Caetano de Cernev Rosa	Graduação em Ciências Sociais (licenciatura e bacharelado) pela Universidade Estadual de Londrina - UEL Graduado em Análise de Sistemas pela Universidade Norte do Paraná - UNOPAR	Especialização em Sociologia pela Universidade Estadual de Londrina – UEL Mestrado em Antropologia Social pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP	T40 TIDE
Givaldo Alves da Silva	Graduação em Ciências Sociais Pela Universidade Estadual de Londrina - UEL em 1998	Mestrado em Ciências Sociais Pela Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita Filho - UNESP em 2003	T40 TIDE

PROFESSORES CRES			
Nome do Docente	Graduação (informar instituição e ano de conclusão)	Titulações (informar instituições e anos de conclusão): Especialização, Mestrado, Doutorado, Pós-Doutorado, incluindo as áreas de formação)	Regime de Trabalho
Lucas César Frediani Sant'ana	Graduação em Geografia (Licenciatura) pela Universidade Estadual de Maringá - UEM em 2007	Mestrado em Geografia em Análise Ambiental pela Universidade Estadual de Maringá - UEM em 2010 Doutorado em Geografia em Análise Ambiental pela Universidade Estadual de Maringá - UEM em 2015	T20
Fernanda Perdigão da Fonseca Toniol	Graduação em Geografia (Licenciatura) pela Universidade Estadual de Maringá - UEM em 2003	Mestrado em Geografia Área de Concentração Análise Regional) pela Universidade Estadual de Maringá - UEM em 2006 Doutorado em Geografia área de Concentração Análise Regional pela Universidade Estadual de Maringá - UEM em 2017	T20
José Ricardo de Oliveira	Graduação em Geografia (Licenciatura) pela Universidade Estadual de Maringá - UEM em 1998	Especialização em Gestão escolar pela Instituto de Estudos Avançados e Pós-Graduação - ESAP, pela Faculdade Integradas do Vale do Ivaí - UNIVALE em 2007 Mestrado em Geografia em Análise Ambiental pela Universidade Estadual de Maringá - UEM em 2015	T20
Patrícia de Sousa	Graduação em Geografia (licenciatura) pela Universidade Estadual de Maringá - UEM em 2000 e (bacharelado) em 2001	Mestrado em Geografia em Análise Ambiental pela Universidade Estadual de Maringá - UEM em 2006 Doutorado em Geografia em Análise Ambiental pela Universidade Estadual de Maringá - UEM em 2013	T20

10.1 NÚMERO DE DOCENTES POR TITULAÇÃO:

Graduados: 0
Especialistas: 0
Mestres: 5
Doutores: 6
Pós-Doutores: 0

11. NÚCLEO DOCENTE ESTRUTURANTE

O Núcleo Docente Estruturante (NDE) é órgão consultivo do Curso de Geografia. Suas atribuições são: elaborar o Projeto Pedagógico do curso de graduação, definindo sua concepção e fundamentos, estabelecer o perfil profissional do egresso do curso atualizar periodicamente o projeto pedagógico do curso, conduzir os trabalhos de reestruturação curricular; supervisionar as formas de avaliação e acompanhamento do curso definidas pelo Colegiado, analisar e avaliar os Planos de Ensino dos componentes curriculares, acompanhar as atividades do corpo docente. Os nomes dos docentes abaixo relacionados, integrantes do NDE do Curso de Geografia foram nomeados pela Portaria nº001/2014-CCHE de 10 de dezembro de 2014.

O Núcleo Docente Estruturante (NDE) do curso de Geografia – Licenciatura, são:

Edilaine Valeria Destefani Cunha
Ênio Luiz Debarba
Gilmar Aparecido Asalin
José Antônio Demétrio
Virgílio Manuel Pereira Bernardino
Lucas César Frediani Sant'ana

12. INFRAESTRUTURA DE APOIO DISPONÍVEL

COLEGIADO DE GEOGRAFIA

- 1 sala para o Colegiado com m²
- 2 computadores com Monitor e processador
- 1 impressora,
- 1 notebook,

- 1 data show portátil,
- 2 mesas em L
- 1 estante em aço,
- 1 geladeira

SALAS DE AULA

- 4 salas de aula identificadas como salas (31, 32, 33 e 34) com carteiras, quadro de giz e data show.

LABORATÓRIO DE CARTOGRAFIA DIGITAL

- 1 sala/laboratório com 70m²
- 16 computadores
- 1 quadro de giz

LABORATÓRIO DE GEOLOGIA E SEDIMENTOLOGIA

- 1 sala/laboratório com 70m²
- 1 Bancada de concreto revestida em azulejo para trabalhos laboratoriais
- 1 tanque com torneira
- 1 quadro de giz
- 2 armários em aço
- 2 computadores
- Várias amostras minerais
- Várias amostras rochas magmáticas, metamórficas e sedimentares
- 2 Lupas estereoscópicas
- 1 Estufa para secagem
- 1 Balança analítica
- 1 Peneirador elétrico
- 3 bússolas
- 1 termômetro

LABORATÓRIO DE BIOGEOGRAFIA

- Em reforma o local destinado ao laboratório;
- Atividades desenvolvidas até o momento no laboratório de Geologia e sedimentologia;
- Atividades de campo, pesca elétrica e mensuração de espécies da ictiofauna;
- Trabalhos práticos com variedades de Cana-de-açúcar: Características do Melhoramento de genético.

O CURSO DE GEOGRAFIA AINDA DISPÕE

- 1 Estação climatológica automática.

BIBLIOTECA CENTRAL

- 1 Sala de Acervo/pesquisa
- 1 Sala de Vídeo 1
- 1 Sala de Vídeo 2
- 1 Sanitário Feminino – Interno
- 1 Sanitário Masculino – Interno
- 1 Sanitário Feminino – Externo
- 1 Sanitário Masculino – Externo
- Total da área: 777,08m²

AMBIENTES COMPARTILHADOS

- Mini auditório (área: 69,09)
- Centro de Conferências (área 1.234,29)
- 1 xerox interno pavilhão das salas de aula

SALA DE INFORMÁTICA

- 52 Micros IBM pentium 200 – ligados a Internet através Mub 16 pontas 10/10
- 6 Micros pentium 150 32 MB RAM
- 1 Tape Deck
- 45 Fone de ouvido
- 1 Caixa acústica

- 1 Mesa de microfone
- 1 Microfone com pedestal
- 52 Gabinete individual

DIRETÓRIO CENTRAL DOS ESTUDANTES - DCE

Diretório Central dos Estudantes com 467,68 m²

1 Auditório

1 Sala de Vídeo

1 Sala de reuniões

1 Secretaria

DCE – Cantina e Outras Dependências com 252 m²

1 Cozinha

1 Bar / Salão

1 Sala de Jogos / TV

1 Xerox

1 Sanitário Feminino

1 Sanitário Masculino

13. REGULAMENTO DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO DO CURSO DE GEOGRAFIA.

Capítulo I

Da Constituição e da Finalidade

Art. 1º O Estágio Supervisionado é um componente obrigatório da organização curricular, que favorece a articulação do ensino com pesquisa e extensão, sendo uma atividade intrinsecamente articulada com prática de ensino e com as atividades de trabalho acadêmico.

Art. 2º O Estágio como atividade de extensão assume a forma de atividades em que o estudante participa de empreendimentos ou projetos de interesse social.

Parágrafo Único –O Estágio Supervisionado desenvolver-se-á de acordo com as normas estabelecidas neste regulamento e pela legislação vigente.

Art. 3º O Estágio Supervisionado em Geografia tem como finalidade:

- I- Proporcionar aos estagiários vivências de situações concretas comprometidas com a melhoria da qualidade de ensino, intercâmbio de informações e experiências que os preparam para o efetivo exercício da profissão;
- II- Vivenciar os estágios através do desenvolvimento de tarefas cada vez mais complexas tendo em vista a aquisição de segurança e o desenvolvimento da capacidade de execução do trabalho do profissional da Educação;
- III- Oportunizar aos estagiários o exercício efetivo das diversas atribuições de um profissional da educação, à frente da sala de aula percebendo e propiciando dinâmica necessária ao processo de ensino/aprendizagem e no complexo educacional como um todo;

Art. 4º O Estágio Supervisionado pertinente ao curso, estabelecido conforme currículo, é obrigatório e terá caráter teórico-prático.

Capítulo II

Da Documentação Necessária

Art. 5º Para regulamentação do Estágio Supervisionado Obrigatório, o Colegiado de Geografia deverá observar a documentação que segue:

- I - Termo de Compromisso entre o estudante, a parte concedente do estágio e a UNESPAR-campus de Paranavaí;
- II - Plano de Estágio;
- III - Relatório de Atividades.

§ 1º O Termo de Compromisso deverá ser firmado entre o estagiário ou seu representante legal, os representantes legais da parte concedente e a UNESPAR/Paranavaí.

§ 2º A celebração de Convênio de Concessão de Estágio entre a UNESPAR/Paranavaí e a parte concedente não dispensa a celebração do Termo de Compromisso.

§ 3º O Plano de Estágio visará assegurar a importância da relação teoria-prática no desenvolvimento curricular, deverá ser incorporado ao Termo de Compromisso e será adequado à medida da avaliação de desempenho do estudante.

Capítulo III

Das Modalidades e da Carga Horária

Art. 6º A carga horária do Estágio Supervisionado Obrigatório não poderá ultrapassar seis (06) horas diárias e trinta (30) horas semanais.

Art. 7º As atividades de estágio deverão contemplar as áreas de atuação do futuro professor, ou seja, no Ensino Fundamental e no Ensino Médio, sendo que no 3º Ano, o acadêmico realizará o Estágio I (no Ensino Fundamental) e no 4º Ano, o acadêmico realizará o Estágio II (no Ensino Médio).

Art. 8º A carga horária total de estágio supervisionado, no curso de Geografia, deverá ser de 400 (quatrocentas) horas, compreendendo 200 horas para o 3º ano (Estágio I) e 200 horas para o 4º ano (Estágio II).

Parágrafo único. A carga horária de estágio de cada série deve ser cumprida nas modalidades de observação, participação e direção de classe.

Art. 9º Às 200 horas do estágio supervisionado obrigatório em cada série do curso, deverão ser comprovadas e divididas em:

I – 70 horas aulas e orientações na IES;

I - 10 horas de reconhecimento do campo de estágio;

II - 10 horas de observação/auxílio à docência de aulas de Geografia no Ensino Fundamental II no Estágio I e 10 horas de observação de aulas de Geografia no Ensino Médio, no Estágio II;

III - 82 horas de atividades extensionista com projeto de ensino;

IV - 20 horas de regência;

V - 30 horas de organização da pasta da regência.

Capítulo IV

Da organização e do funcionamento do Estágio Supervisionado

Art. 10º - O Estágio deverá ser cumprido nesta IES e nos Estabelecimentos de Ensino que ofertam: Educação Básica, educação de jovens e adultos, educação especial e ensino superior, conforme escolha dos respectivos professores orientadores e do coordenador do curso.

Parágrafo Único - O Estágio desenvolver-se-á em situação real e de preferência em Paranavaí.

Art. 11º - A realização do Estágio se fará, em período diverso daquele destinado à maior carga horária acadêmica.

Parágrafo Único - Na impossibilidade de realizar seu Estágio em turno diverso, o estagiário deverá, sob sua responsabilidade, reservar, por ocasião da matrícula, um horário que lhe permita realizar seu Estágio no mesmo período de aula.

Art. 12º A equipe de Estágio Supervisionado do Curso de Licenciatura em Geografia constitui-se de:

- I- Coordenador de Estágio;
- II- Professor de Estágio;
- III- Professor Orientador;
- IV- Estagiários.

Parágrafo Único: Os professores orientadores deverão apresentar como pré requisito para exercício da função a experiência profissional nos diferentes níveis de ensino.

Capítulo V

Da Atribuição do Coordenador de Estágio

Art. 13º São atribuições do coordenador do Estágio de Geografia, quando da realização do Estágio Supervisionado:

- I- Estabelecer contatos com as escolas e as respectivas direções visando a realização do mesmo;
- II- Dar assistência regular aos professores orientadores de estágio;

III- Julgar os pedidos de dispensa de Estágio em conformidade com o previsto neste regulamento.

Capítulo VI

Da Atribuição do Professor de Estágio

Art. 14º Ao professor de Estágio compete:

- I - Ministrar a disciplina de Estágio;
- II - Controlar a frequência do(a) estagiário(a);
- III - Determinar a escola para realização do estágio;
- IV - Verificar se os estagiários apresentem as documentações exigidas pela Central de Estágios, tanto à escola como à UNESPAR.

Capítulo VII

Das Atribuições dos Professores Orientadores

Art. 15º - Aos professores orientadores compete:

- I- Proporcionar condições para que o estagiário vivencie o cotidiano dos estabelecimentos de ensino;
- II- Orientar o estagiário no planejamento e execução das atividades docentes em estabelecimento de ensino;
- III- Acompanhar efetivamente cada estagiário em suas atividades de direção de classe;
- IV- Indicar as fontes de pesquisa e de consulta necessárias para a solução das dificuldades encontradas;
- V- Avaliar o desempenho do estagiário conforme os critérios estabelecidos;
- VI- Manter contatos periódicos com a administração da escola e com o professor regente de classe, na busca do bom desenvolvimento de estágio, intervindo sempre que necessário.

Parágrafo Único – para entendimento do “caput” deste artigo, cada orientação a dois alunos equivalerá uma hora-aula.

Capítulo VIII

Das Atribuições dos Estagiários do Estágio Supervisionado compete:

Art. 16º Ao estagiário compete:

- I- Antes de dirigir-se à escola na qual realizará o estágio deverá aguardar o contrato de estágio na Unespar – Campus de Paranavaí e autorização do professor orientador. O contrato de estágio deverá ser apresentado à direção da escola;
- II- Cumprir as etapas previstas para a realização do estágio, a saber:
 - a) observação/participação/colaboração na regência de classe (Integração);
 - b) direção de sala de aula;
 - c) realização das atividades prevista para a disciplina;
 - d) participação em empreendimentos ou projetos de interesse social ou cultural, assumindo a forma de atividades de extensão;
 - e) registro das atividades desenvolvidas;
 - f) elaboração do relatório final.
- III- Discutir com o professor regente o planejamento e a execução das atividades propostas;
- IV- Manter um comportamento compatível com a função docente, pautando-se pelos princípios da ética profissional;
- V- Auto avaliar de modo constante e crítico seu desempenho na função docente;
- VI- Colaborar para solução de problemas na escola, campo de estágio, com seus colegas de turma;
- VII- Comunicar com antecedência sua ausência nas atividades previstas;
- VIII- Sempre que estiver na escola para realizar o estágio deverá ter: pontualidade, respeito com a comunidade escolar e muita educação, evitando atritos com colegas, alunos e profissionais da escola;
- IX- Comparecer a todas as aulas, reuniões e discussões programadas durante o estágio ou quando for individualmente convocado;
- X- Deverá avisar com antecedência (pelo menos 48 horas) o professor orientador, bem como o responsável pela instituição concedente (professor regente da

- sala de estágio ou coordenador pedagógico), caso haja necessidade de faltar ao estágio, com justificativa plausível;
- XI- Sempre que for realizar o seu estágio em sala de aula, seja de observação, participação, projeto, regência e oficina, o(a) estagiário(a) deverá solicitar com antecedência a autorização do professor regente, sendo que isto deverá ser feito nas horas atividades do professor, evitando interrupções de aulas para este fim;
- XII- Em suas atividades de estágio, deverão considerar o Projeto Político Pedagógico da escola, os planos de ensino, as Diretrizes Curriculares para o Ensino de Geografia e a proposta da Geografia Crítica e os recursos didáticos disponíveis na escola;
- XIII- Deverá preencher a ficha de frequência diariamente e solicitar que o professor ou orientador da escola que o(a) acompanhou a assine;
os relatórios de estágio deverão ser entregues sempre em datas estipuladas pelo professor de ES e/ou orientador. O atraso ou não entrega dos relatórios e documentos resultará em nota menor ou zero;
- XIV- Deverá providenciar uma pasta com todos os documentos de estágio (contrato de estágio, fichas, relatórios, projeto, planejamentos, avaliação e atividades, etc.) e disponibilizar ao orientador de estágio, professor da disciplina de estágio e professor regente da sala sempre que solicitado;
- XV- Cumprir integralmente o Plano de Estágio apresentado pelo professor de Estágio Supervisionado;
- XVI- Cumprir integralmente as normas estabelecidas no Regulamento de Estágio Supervisionado em Geografia.

Capítulo IX

Da Avaliação e da promoção

Art. 17º - A avaliação na disciplina de Estágio Supervisionado fica condicionada a observância dos seguintes aspectos, além dos previstos pela instituição:

- I- Desempenho nas atividades teórico-práticas promovidas e/ou solicitadas pelo professor;

- II- Desempenho na direção de classe;
- III- Apresentação do relatório final, dentro das normas técnico-científicas previamente estabelecidas;
- IV- Seminários.

Parágrafo Único - Os professores de prática de ensino poderão estabelecer outros critérios, desde que devidamente registrados e esclarecidos aos alunos.

Art. 18º - Poderão fazer parte da avaliação do Estágio Supervisionado as observações feitas pelo professor regente de classe e pela equipe técnico - pedagógica do campo de Estágio.

Art. 19º - Para a aprovação na disciplina do Estágio Supervisionado o estagiário deverá obter média igual ou superior a 7,0 (sete) e frequência igual ou superior a 75%.

Art. 20º - Não caberá revisão de avaliação, segunda chamada, exame final, dispensa de frequência ou Plano de Acompanhamento de Estudos para o componente curricular Estágio Supervisionado Obrigatório, devendo o estudante repetir o componente integralmente em caso de reprovação.

Capítulo X

Das Disposições Gerais

Art. 21º - O cumprimento do estágio relativo ao 3º ano (Ensino Fundamental) e ao 4º ano (Ensino Médio), constitui-se como pré-requisito obrigatório para a aprovação no componente curricular Estágio Supervisionado Obrigatório. O acadêmico somente cumprirá o Estágio II após cumprido o Estágio I

Art. 22º Estudante em Regime de Exercício Domiciliar deve realizar o Estágio Supervisionado Obrigatório em cronograma alternativo, aprovado pelo Colegiado de Curso, desde que respeitada a legislação vigente.

Art. 23º Este regulamento poderá ser modificado no todo ou parte pelo Conselho Departamental, depois de aprovado no Colegiado de Geografia.

Art. 24º O presente regulamento de Estágio Supervisionado do Curso de Geografia, entrará em vigor na data de aprovação pelo Conselho departamental.

14. REGULAMENTO DE ATIVIDADES COMPLEMENTARES DO CURSO DE GEOGRAFIA

Art. 1º O Curso de Geografia com habilitação em Licenciatura apresenta uma carga horária de 200 (duzentas) horas destinadas para atividades complementares, que integram a carga horária do currículo da graduação e, portanto são obrigatórias, conforme definido na Resolução nº 2 do Conselho Nacional de Educação/Conselho Pleno, de 19 de fevereiro de 2002 baseado no Parecer nº 28/2001 do CNE/CP.

Art. 2º As atividades complementares são desenvolvidas no âmbito acadêmico-científico, de pesquisa e de atividades externas estendidas à comunidade categorizadas como de extensão.

Art. 3º São consideradas atividades de ensino:

- I- Disciplinas relacionadas a área do conhecimento da Geografia oferecidas pela própria instituição, mas não previstas em seu currículo;
- II- Disciplinas optativas relacionadas a área da Geografia;
- III- Disciplinas afins ao curso realizadas em outras instituições, desde que validadas posteriormente pelo colegiado do curso;
- IV- Monitoria de disciplinas ofertadas pelo Curso de Graduação em Geografia desta IES;
- V- Participação de projetos de ensino;
- VI- Estágio extracurricular em escolas;
- VII- Visitas técnicas e trabalhos de campo.
- VIII- Participação em organização de eventos científicos.

Parágrafo único: O professor deve elaborar um projeto de ensino para a regularização e certificação das atividades previstas em todos os itens, exceto o item VI.

Art. 4º São consideradas atividades de pesquisa:

- I- Desenvolvimento de Projetos de Iniciação Científica;
- II- Participação em projetos de pesquisa na área de Geografia;
- II- Publicações de resumos expandidos, trabalhos completos e artigos em Anais de eventos, periódicos e revistas especializadas;
- III- Comunicações em eventos científicos (local, regional, nacional ou internacional).

IV- Participação como ouvinte em eventos de natureza científica (local, regional, nacional e internacional).

Art. 5º São consideradas atividades de extensão:

I- Participação em projeto PIBID;

I- Participação em projetos de extensão na área de Geografia

II- Cursos de Extensão promovidos pelo Curso de Geografia desta IES ou outras IES;

III- Estágio em empresa que presta trabalho relacionada a área da Geografia ou voltado à educação;

§ 1. As atividades complementares devem ser desenvolvidas ao longo do curso, podendo realizá-las inclusive durante o período de férias ou recessos acadêmicos.

§ 2. As atividades de (AC) poderão ser realizadas tanto na IES no qual o acadêmico cursa a graduação ou em outra IES, desde que, as atividades contemplem habilidades correlacionadas ao perfil do Curso de Graduação em Geografia, permitindo dessa forma um aprimoramento da profissionalização do acadêmico de acordo com sua formação em Geografia.

§ 2. Todas as atividades deverão ser comprovadas por meio de certificados, declarações e atestados, através de cópias junto com os originais para validação e deverão ser encaminhadas à Secretaria Acadêmica que tramitará o processo.

§ 3. O aluno não poderá Colar Grau e receber o diploma de Graduação sem ter cumprido toda a carga horária exigida, mesmo tendo sido aprovado em todas as disciplinas da matriz curricular.

ATIVIDADES COMPLEMENTARES DO CURSO DE GRADUAÇÃO LICENCIATURA EM GEOGRAFIA – UNESPAR – CAMPUS DE PARANAÍ		
ATIVIDADES DE ENSINO	Carga horária	Limite máximo
Monitoria de disciplinas do curso de graduação em Geografia e áreas afins	20 horas atividade/ano	40 horas
Participação como bolsista PIBID ensino/extensão	10 horas/semestre	40 horas
Estágio extracurricular em escolas e PSS	10 horas/semestre	20 horas
Participação em projetos de ensino	5 horas/projeto	25 horas
Trabalho de campo ou visita técnica	5 horas/trabalho	20 horas
Oficina ministrada	10 horas/oficina	20 horas
Palestra ministrada	10 horas/palestra	20 horas

Apoio técnico em eventos, trabalhos campo, laboratório etc.		8 horas/atividade	16 horas
Curso na área da Educação online.		4h/curso	12 horas
Estágio não obrigatório		10horas/semestre	20 horas
ATIVIDADES DE PESQUISA		Carga horária	Limite máximo
Projetos	Desenvolvimento de projetos de Iniciação Científica PIC	25 horas	50 horas
	Participação em projetos de pesquisa na área de Geografia e áreas afins	20 horas	40 horas
Publicações	Publicação de resumo simples	2 horas/resumo	20 horas
	Publicação de resumo expandido	4 horas/resumo	20 horas
	Publicação de trabalho completo como autor ou coautor, em periódicos nacionais ou internacionais com conteúdo de Geografia e áreas afins	10 horas/trabalho	20 horas
	Publicação de artigo como autor ou coautor, em periódicos nacionais ou internacionais com conteúdo de Geografia e áreas afins	20 horas/publicação	40 horas
	Artigo aceito para publicação	10 horas/artigo	20 horas
ATIVIDADES DE EXTENSÃO		Carga horária	Limite máximo
Participação em projetos de extensão na área de Geografia		20 horas/projeto	40 horas
Participação em projetos de extensão em áreas afins		10h/projeto	20 horas
Participação em projetos assistenciais		2h/projeto	10 horas
PARTICIPAÇÃO EM EVENTOS		Carga horária	Limite máximo
Participação como ouvinte em eventos de natureza científica na área de Geografia (local, regional, nacional e internacional)		De acordo com a carga horária do evento	100 horas
Participação como ouvinte em eventos de natureza científica em área afim (local, regional, nacional e internacional)		50% carga horária	40 horas
Participação com apresentação de trabalhos (comunicação oral)		8 horas/evento	40 horas
Participação com apresentação de trabalhos (painel)		5 horas/evento	20 horas
Organização de evento (colaborador)		5 horas	20 horas
Participação em Oficinas, cursos e minicursos.		4 horas/certificado	20 horas
Participação/ouvinte palestras da área de Geografia		2 horas/palestra	10 horas
Participação/ouvinte palestras áreas afins		2 horas/palestra	10 horas
Ouvinte em banca de mestrado e doutorado		1 hora/banca	4 horas
Ouvinte em banca de Conclusão de curso/estágio		1 hora/banca	4 horas

15. POS-GRADUAÇÃO EM “GEOGRAFIA AMBIENTAL E DESENVOLVIMENTO REGIONAL”

O curso de Pós-graduação *Lato Sensu* “Geografia Ambiental e Desenvolvimento Regional” busca estimular e qualificar acadêmicos egressos do Curso de Graduação em Geografia – Licenciatura da UNESPAR – *Campus* de Paranavaí de maneira que o vestibulando possa optar em escolher o Curso de Geografia que lhe vincula ao Curso de Pós-graduação, gratuito, preparando-o para as atividades imediatas, após a graduação como professor. Especialmente para prosseguir aos estudos do futuro Curso de Mestrado. Esse engajamento de trabalho envolve a forte integração de professores efetivos, temporários e convidados em prol de objetivos comuns de qualificação, considerando o necessário desenvolvimento da pesquisa científica no processo produtivo do Noroeste do Paraná. Essas linhas de pesquisa, contemplam uma vertente ambiental que questiona a necessidade de diagnosticar parâmetros ambientais regionais como subsídios no contexto do desenvolvimento da economia regional e de preparo aos licenciados que transcendem à convivência acadêmica para um compromisso maior de transformação da sociedade, oportunizando registrar e discutir o conhecimento geográfico. Assim sendo, uma melhor qualificação e evolução do curso de licenciatura em Geografia.

REFERÊNCIAS

ANDES-SN. **Proposta do ANDES-SN para a Universidade Brasileira**. Cadernos ANDES nº 2. 3. ed. atualizada e revisada. Brasília: ANDES-SN, 2003.

BRASIL, **RESOLUÇÃO CNE/CP Nº 2, de 19 de Fevereiro de 2002**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/res2_2.pdf>. Acesso em: 01/05/2018.

CAVALCANTI, L. S. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. Campinas: Papyrus, 1998.

Diretrizes Curriculares da Educação Básica Geografia – DCNs. **Governo do Paraná Secretaria de Estado da Educação do Paraná**. Departamento de Educação Básica Diretrizes Curriculares da Educação Básica Geografia Paraná. Brasília: 2008. 98 p.

HADJI, Charles. **Pensar e agir a educação: da inteligência do desenvolvimento ao desenvolvimento da inteligência**. Porto Alegre: Artmed, 2001. p 129-148.

Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB (n. 9394/96). **Diretrizes Curriculares para os Cursos de Graduação**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/sesu/arquivos/pdf/DocDiretoria.pdf>>. Acesso em: 01/05/2018.

MENDONÇA, F. **Dualidade e dicotomia da Geografia moderna**: a especificidade científica e o debate recente no âmbito da Geografia Brasileira. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/raega/article/view/18004>> Acesso em fev. 2018.

OLIVA, J. T. Ensino de Geografia: um retrato desnecessário. In: CARLOS, A. F. A. (org.) **A Geografia em sala de aula**. São Paulo: Contexto, 1995. Plano de Desenvolvimento Institucional – PDI.

PORTAL DA EDUCAÇÃO. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação**. Disponível em: <https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/pedagogia/a-educacao-basica-no-brasil/5716>. Acesso em: 05/04/2018. Projeto Pedagógico Institucional – PPI.

SUERTEGARAY, D. M. A.; NUNES, J. O. R. A natureza da Geografia Física na Geografia. **Revista Terra Livre**, n. 17, 2º semestre/2001. São Paulo: Associação dos Geógrafos Brasileiros.

VASCONCELLOS, Celso dos S. Metodologia Dialética em Sala de Aula. In: **Revista de Educação AEC**. Brasília: abril de 1992 (n. 83).